



UNIVERSIDADE DE CABO VERDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – 3ª. Edição

**Família e género na perspectiva das mulheres
kumbóssas: um estudo etnográfico no Concelho de
Santa Catarina, Ilha de Santiago/CV**

MARIA IVONE TAVARES MONTEIRO

PRAIA, AGOSTO DE 2013.



UNIVERSIDADE DE CABO VERDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – 3^a. Edição

**Família e género na perspectiva das mulheres
kumbóssas: um estudo etnográfico no Concelho de
Santa Catarina, Ilha de Santiago/CV**

MARIA IVONE TAVARES MONTEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Uni-CV como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, sob a orientação da Professora Doutora Miriam Steffen Vieira, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

PRAIA, AGOSTO DE 2013.

**À minha querida mãe Amélia, aos
meus irmãos, minha irmã, minhas
cunhadas, meus sobrinhos e
sobrinhas.**

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho só foi concretizado porque contou com apoio de várias pessoas muito especiais na minha vida neste percurso que demorou dois anos. São essas pessoas que aproveito para manifestar aqui, em breves palavras, a minha gratidão.

Primeiramente à minha família: minha mãe Amélia, meus irmãos Felisberto, Agostinho, Joaquim, e as minhas cunhadas. O vosso apoio foi determinante para realização desse trabalho.

Um agradecimento especial à minha cunhada Kika. O mestrado só aconteceu porque tu acreditaste em mim, essas palavras são poucas para agradecer tudo que fizeste por mim.

A todos os professores e professoras da 3^o edição do mestrado em ciências sociais que transmitiram conhecimentos importantes que servirão na vida futura.

À minha orientadora Miriam Steffen Vieira que dirigiu com muito profissionalismo, carinho, dedicação e paciência todo esse percurso, sempre me dando força para prosseguir.

À Anilsa Gonçalves, aluna do curso de graduação em Ciências Sociais e estagiária no projeto de implantação do LIG - Laboratório de Investigação em Género da UNI-CV, que apoiou na transcrição dos diários de campo.

Durante o meu trabalho de campo, um agradecimento especial às mulheres que disponibilizaram seu tempo e espaço para conversarem e exporem as suas experiências de vida.

Meu muito obrigada a todos aqui mencionados e todos os outros que de uma forma ou outra contribuíram para que esse trabalho fosse possível.

RESUMO

Os estudos sobre dinâmicas familiares em Cabo Verde destacam duas características predominantes, a matrifocalidade, na qual o laço entre mães e filhos/as são mais valorizados e, em termos de relações de género, como marcada por relações patriarcais, onde predomina a autoridade masculina (LOBO, 2012; MARTINS e FORTES, 2011). Esta dissertação visa analisar as relações de conjugalidades focalizando a chamada “poligamia informal” (CARREIRA, 1984), a partir da percepção de mulheres *kumbóssas*, que são mulheres que compartilham um mesmo homem simultaneamente, sobre relação conjugal, género e família.

Entretanto, para além da descrição da vivência quotidiana das *kumbóssas*, serão destacadas as relações entre elas em situações pontuais como na morte e nos ritos funerários, em relação às regras sociais existentes que determinam o lugar de cada *kumbóssa* na relação e o comportamento esperado de cada pessoa envolvida, assim como as tensões e situações de violência de género.

Para tal, realizou-se uma etnografia das experiências quotidianas destas mulheres, no concelho de Santa Catarina de Santiago, em Cabo Verde, no período de Abril a Outubro de 2012.

Palavras-chave: *Kumbóssa*, relação conjugal, família, género.

ABSTRACT

The studies about family dynamics in Cape Verde highlight two main features, the motherhood, in which the bond between mother and children are more valued and, in terms of gender relationship, like the ones marked by fatherhood bonds, where the male authority rules (Lobo, 2012, Martins e Fortes, 2011). This thesis aims to analyze couples relationships focusing on the so-called *Kumbóssas*, who are those women that has marital relation simultaneously with the same man.

Also, besides the description of the daily routine of the *kumbóssas*, the relationship among these women will be emphasized in specific occasions as in or mourning situations, concerning the existent social rules that states each *kumbóssas* should have in relation to the behavior that they are expected to have, as well as the tensions and violence situations concerning gender.

In order to achieve the goals, an ethnography of the daily experiences of the mentioned women was made in Santa Catarina de Santiago council, in Cape Verde, from April to October 2012.

Keywords: *kumbóssa*, marital relationship, family, gender.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (Fotos e Mapas)

| | | |
|----------|------------------------------------|-------|
| Figura 1 | Mapa do concelho de Santa Catarina | p. 14 |
| Figura 2 | Cidade de Assomada | p. 15 |
| Figura 3 | Dia de feira em Assomada | p. 16 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| AGRADECIMENTOS | 04 |
| RESUMO | 05 |
| ABSTRACT | 06 |
| LISTA DE ILUSTRAÇÕES (Fotos e Mapas) | 07 |
| | |
| INTRODUÇÃO | 09 |
| | |
| CAPÍTULO UM | |
| 1. Família e gênero em Cabo Verde | 15 |
| 1.1 Dialogando com a literatura | 15 |
| 1.2 Apresentação do concelho de Santa Catarina de Santiago | 22 |
| 1.3 Conhecendo <i>kumbóssas</i> em Santa Catarina | 26 |
| | |
| CAPÍTULO DOIS | |
| 2. Conjugalidades na perspectiva de mulheres <i>kumbóssas</i> | 31 |
| 2.1 Família na perspectiva das <i>kumbóssas</i> | 31 |
| 2.2 Olhares sobre o casamento | 35 |
| 2.3 Violência na conjugalidade | 43 |
| 2.4 Cúmplices e rivais de uma <i>kumbóssa</i> perante a relação conjugal | 48 |
| | |
| CAPÍTULO TRÊS | |
| 3. Regras e hierarquias nas conjugalidades | 53 |
| 3.1 <i>Cada um no seu lugar</i> | 53 |
| 3.1.1 Na morte | 56 |
| 3.2 As disputas | 63 |
| 3.2.1 <i>Omi algum, mudjer nenhum!</i> | 65 |
| 3.2.2 <i>Kumbóssas nunca são amigas</i> | 70 |
| 3.3.3 <i>Linguaradas/Linguarados</i> | 72 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 76 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 80 |

Introdução

A questão familiar tem sido objecto de vários estudos nas ciências sociais, particularmente na antropologia tem ocupado destaque, sobretudo no que se refere ao lugar que a mulher ocupa na família (LOBO, 2012; MARTINS e FORTES, 2011; RODRIGUES, 2007).

Segundo dados da História Geral de Cabo Verde (1991), desde o princípio da colonização, as mulheres brancas e casadas viviam completamente dependentes dos seus maridos. Referências a estas mulheres só apareciam registadas em heranças de bens ou testamentos, cabendo somente às viúvas a administração dos seus bens, isso no caso de não possuírem filhos, jamais às mulheres solteiras ou casadas. Por serem maioritariamente escravas, as mulheres negras e mulatas não gozavam de nenhum direito, estando relegadas à procriação do homem branco.

Para Carreira (1984), a estrutura familiar cabo-verdiana na época reflectia as características reproduzidas pelo forte envolvimento de homens europeus de estratos sociais diferentes com as mulheres de origem africana, pois os homens europeus que paravam nas ilhas eram, na sua maioria, homens brancos, desacompanhados das suas esposas, raramente traziam-nas para se estabelecerem em Cabo Verde. Contudo, o mesmo autor realça que a presença da mulher branca nas ilhas nunca criou embaraço para o homem europeu manter relações com uma ou mais mulheres negras em simultâneo.

Assim, o homem branco, casado na Europa, quer viesse para a ilha com a família legítima quer desacompanhado dela, não tardava a unir-se a uma mulher da terra, escrava ou livre, gerando inúmeros descendentes bastardos filhos de capitães, de governadores e de altos funcionários régios (CARREIRA, 1984, p.146-7), Este aspecto levou Carreira (1984) a uma caracterização da

família cabo-verdiana como marcada pela “poligamia informal”, visto que foi aceite socialmente¹.

Sobre essa situação, Carreira (1984, p.155) descreveu a condição do homem possuir uma mulher, quer seja legítima ou não, e várias outras mulheres ao mesmo tempo, sendo que esta situação não criava conflito entre elas. Aquela mulher com que o homem co-habitava aceitava mais ou menos pacificamente a existência da *kumbóssa* ou das *kumbóssas* e com elas chegava a manter relações amigáveis ou até de cortesia, assim como com os filhos delas.

Ao analisar sexualidades juvenis em Cabo Verde, da perspectiva masculina, Anjos (2005) também identificou a presença da poligamia nas relações afectivas:

A erótica tradicional não é apenas um conjunto de imagens actuais construídas para o contraste. Na economia libidinal tradicional, os homens cabo-verdianos com frequência tinham um grande número de mulheres e filhos. Poucos se mantinham em uma relação conjugal estrita. (ANJOS, 2005, p.170)

Outra característica presente nos estudos sobre formas de organização familiar em Cabo Verde diz respeito à emigração e seus efeitos nas conjugalidades (Cf. CARREIRA, 1977; GOMES, 2011; RODRIGUES, 2007; LOBO, 2012). Com a crescente dificuldade económica que assolava o país, muitos homens cabo-verdianos viram na emigração a única possibilidade de sobrevivência e seguiram para outros destinos, deixando às mulheres as funções de pai, mãe, dona de casa e chefe de família, ainda que as leis coloniais em evidência na época determinassem que o *status* de chefe de família dado ao homem era intransferível (CARREIRA, 1977; GOMES, 2011).

¹ Na literatura antropológica, Augé (1975) define poligamia como termo que designa todas as uniões em que o número dos conjugues (homens e mulheres) ultrapassa o casal. Poligenia seria a forma de casamento em que um homem possui várias mulheres, sendo que todas elas são consideradas esposas legítimas e seus filhos descendentes legítimos do marido (AUGÉ, 1975, p.40).

Este poderio masculino, segundo Gomes (2011), tornou-se tradição, reforçado pelo catolicismo e pela sua defesa da união familiar, no qual muitas mulheres acreditavam viver o designo de concepção, obediência e sofrimento, onde deviam obediência primeiramente aos pais, depois aos maridos e na ausência destes, até aos filhos maiores. Segundo Gomes, “As mulheres viviam da porta da casa para dentro, enquanto os homens viviam da porta para fora. Algumas mulheres aceitavam, com muita resignação, a sua situação e ignoravam mesmo que ela, algum dia, pudesse reverter-se” (GOMES, 2011, p.107).

Este facto relativo ao desequilíbrio nas relações de género, pesando desfavoravelmente às mulheres, pode amparar uma possível explicação para a situação da concubinação, tão antiga e também tão actual entre os cabo-verdianos, seja no país ou na diáspora, que ao longo deste trabalho procuraremos conhecer para compreender e dar a compreender esta conjuntura que envolve o homem, a sua mulher e mais uma terceira (ou quarta) mulher que também mantém-se fixa na relação, podendo este lugar de mulher titular ora ser ocupado por uma, ora por outra, atestando a instabilidade da posição das mulheres na relação.

Esse poderio masculino que coloca o homem para fora do ambiente doméstico e a mulher ali contida foi, entretanto, questionado numa perspectiva mais recente por Rodrigues (2007) a partir da noção de “plasticidade da família”, que consiste em formas alternativas de vivências familiares na qual as mulheres, apesar das vulnerabilidades económicas em Cabo Verde e da crescente emigração feminina, elas possuem maior controlo social sobre os filhos, são as gestoras e as chefes de família. E é a partir dessa ideia que a autora menciona que o patriarcado tende a fragilizar-se e a tornar-se mais volátil.

A concubinação ainda hoje presente em Cabo Verde, e cujas origens, conforme mencionado, poderão se situar nos primórdios da formação da sociedade cabo-verdiana, constitui um fenómeno sociológico complexo que carece de um estudo aprofundado com o objectivo de dar a conhecer realidades que muitas vezes passam despercebidas. Através do presente trabalho, pretendo analisar as práticas familiares e de género no concelho de

Santa Catarina de Santiago a partir da perspectiva de mulheres que vivenciavam a situação de *kumbóssas*, ou seja, que compartilhavam o mesmo parceiro conjugal, no momento desta pesquisa.

Em Cabo Verde, apesar de a sociedade ser considerada monogâmica, na qual oficialmente o homem deve possuir uma única mulher, as práticas sociais revelam a existência e a permanência das *kumbóssas*. Neste contexto, surge o meu interesse por investigar a relação entre as *kumbóssas* no concelho de Santa Catarina de Santiago, contribuindo desta forma para uma análise sobre os valores de género e de família construídos nestas práticas.

Assim, o objectivo geral da pesquisa é analisar a relação entre mulheres *kumbóssas* e suas percepções sobre conjugalidades, género e família e, mais especificamente, (a) analisar o quotidiano das famílias e das relações conjugais das mulheres *kumbóssas*, (b) focalizar atenção na relação entre essas mulheres e perceber os possíveis elos e/ou tensões e (c) caracterizar essa dimensão da forma de organização familiar em Cabo Verde desde a perspectiva de mulheres *kumbóssas*, no interior de Santiago.

Para tanto, esta pesquisa está amparada no método etnográfico de pesquisa (MALINOWSKI, 1978), que tem como objectivo trazer “o ponto de vista dos nativos”. Geertz (1989) fala do investigador como um intérprete dos discursos sociais observados como gestos, falas, acções e silêncios que fazem parte do dia a dia dos nativos. No caso deste trabalho, serão focalizadas as práticas e narrativas das mulheres que vivenciam a situação de *kumbóssas* no concelho de Santa Catarina de Santiago e através destes interpretar os seus pontos de vista sobre conjugalidades, género e família.

O trabalho de campo decorreu num período de quatro meses, de Abril a Outubro de 2012, com cinco *kumbóssas*, e o acompanhamento intensivo em duas situações de morte que envolveu mais quatro mulheres *kumbóssas* incluindo uma das cinco primeiras.

Assim como Goldman (2006) fez referência ao facto de não existirem facilidades no campo, pois não se encontram “ensinamentos prontos e

acabados de nenhum mestre”, a minha experiência em campo não foi fácil, ela decorreu em um certo clima de tensão, sobretudo porque o tema é polémico. Apesar da existência de *kumbóssas* ser um facto antigo e ao mesmo tempo actual, que não constitui surpresa para os santa-catarinenses, ela é ocultada no tecido social, ou seja, toda gente conhece mas poucos querem falar sobre o assunto.

Assim como disse Laplantine (1987), que a abordagem etnológica consiste em dar uma atenção especial a aspectos que foram durante muito tempo encarados como desnecessários para a actividade científica, essa abordagem pretende trazer a tona a relação entre as *kumbóssas* na localidade de Santa Catarina. Se por um lado é compreensível que as pessoas não queiram falar abertamente sobre esse aspecto, pois diz respeito à sua própria intimidade, por outro lado, isto não deve se constituir num motivo para a ausência de uma análise académica.

Lembrando que o método etnográfico não se restringe à observação participante (MALINOWSKI, 1978), envolvendo um conjunto de técnicas e práticas que se complementam para fomentar uma caracterização qualitativa da realidade estudada, como as conversações, as entrevistas abertas e questionários, as genealogias e trajectórias de vida, assim como dados estatísticos sobre o grupo pesquisado, o conjunto destas ferramentas foi importante para contextualizar a observação participante. Com estas ferramentas, foi possível preparar, colectar, analisar e interpretar dados alcançados para compreender o objecto de estudo.

O trabalho que aqui se apresenta encontra-se estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma discussão bibliográfica sobre formas de organização familiar e relações de gênero em Cabo Verde e uma contextualização do universo da pesquisa e das interlocutoras em campo.

No capítulo seguinte, intitulado “conjugalidades na perspectiva das *kumbóssas*”, será destacada a vivência destas mulheres com o objetivo de conhecer um

pouco do que constitui os seus quotidianos, sem deixar de lado as suas próprias percepções sobre tal realidade.

No último capítulo serão abordadas as regras existentes que regulam a convivência das *kumbóssas* em várias situações do dia a dia, bem como as disputas constatadas entre elas e como o envolvimento de outras pessoas neste tipo de relacionamento é visto por elas.

Por fim, cabe informar os critérios de grafia para esta dissertação: foi utilizado o itálico para marcar as expressões empregadas pelas interlocutoras durante o trabalho de campo e aspas para relativizar alguns termos ou identificar conceitos.

CAPÍTULO I - FAMÍLIA E GÉNERO EM CABO VERDE

O presente capítulo tem por objectivo apresentar a discussão bibliográfica sobre género e família em Cabo Verde, visando uma aproximação ao tema e uma contextualização do universo da pesquisa.

1.1 Dialogando com a literatura

A diversidade das dinâmicas familiares em Cabo Verde tem sido ultimamente objecto de vários estudos no domínio das ciências sociais. Lopes Filho (1996, p.74) refere que não se pode dizer que existe um só tipo de família que caracteriza a sociedade cabo-verdiana, que, ao contrário, existe uma multiplicidade de formas de vida familiar podendo em alguns casos ou circunstâncias ter uma predominância de um tipo familiar, mas que não se pode generalizar a partir de um modelo padrão.

Fortes e Martins (2011) destacam a presença da família nuclear como um ideal, mas que pouco corresponde às práticas sociais, aspecto que será detalhado no próximo capítulo, a partir dos dados de campo.

Dias (2006) e Lobo (2012), partem de uma peculiaridade do que designam como sociedade crioula cabo-verdina para uma análise das formas de organização familiar. Segundo Dias (2006, p. 25),

[...] os princípios que organizam a sociedade cabo-verdiana são heterogêneos e ambíguos e muitas vezes contraditórios, o que reflete a particularidade do seu processo histórico de formação social. Cabo Verde nasceu do encontrosocietário entre portugueses e africanos. As ilhas, desabitadas até meados do século XV, foram palco para o grandioso empreendimento lusitano de conquista de novos mundos. E os portugueses, junto com os africanos por eles trazidos do continente, deram origem a uma sociedade que ainda hoje carrega as marcas desse encontro original, constituindo-se como uma complexa síntese de elementos culturais heterogêneos.

Nesta perspectiva, devido a influência sofrida das duas partes que a compõem, isto é, a mistura de homens brancos europeus com as mulheres negras escravas trazidas do continente africano, na sociedade cabo-verdiana se encontra não somente uma forma de organização familiar, mas várias formas de organizações familiares, algumas mais próximas do continente europeu e outras que mais se identificam com o continente africano.

Sobre o modo como a poligamia é apresentada na bibliografia, Carreira (1984) refere tratar-se de uma poligamia de facto e não de direito. Para ele, o facto de um homem ter mais de uma mulher não era exclusivo dos grupos mais “pigmentados” de onde talvez pudesse apontar o costume como sendo reminiscências do regime poligâmico em que assentavam as comunidades, de onde provieram os ascendentes cabo-verdianos. A título de exemplo, Carreira mencionou que na ilha do Fogo o homem “branco de terra” fez sempre questão de manter uma ou mais amásias, de onde advinham filhos bastardos, sem esconder essa prática da sua mulher legítima (CARREIRA, 1984, p.155). Nesta linha de argumentação, para Lopes Filho (1996, p.70) a tendência de poligamia institucionalizada em uniões livres foi uma consequência do comportamento dos homens brancos no processo de colonização.

Num estudo recente, Gomes (2011) situa a poligamia informal em Cabo Verde como uma forma de violência simbólica contra as mulheres por estas muitas vezes serem obrigadas a aceitar tal situação em função da precária situação económica para a manutenção da família. Neste sentido, a autora aponta que o reduzido número de mulheres nas instâncias de poder também é resultado dessa cultura patriarcal que determinou que a mulher está naturalmente concebida para se ocupar essencialmente da família e das tarefas domésticas e os homens facultados e capacitados para representarem os interesses da família e da sociedade.

Segundo Martins e Fortes (2011), em Cabo Verde a família tem sido desde sempre um aspecto contestado e diversos estudos têm identificado as suas contradições, pois ela é apresentada como historicamente fundada na desigualdade racial e de género e na mobilidade, devido ao contínuo fluxo

emigratório, da mesma forma, é marcada pela fragilidade e instabilidade conjugal, pela fluência nos grupos domésticos e pela negociação intergeracional e transnacional. E é por esses motivos acima mencionados que, segundo os mesmos autores, a família em Cabo Verde é efectivamente um campo muito pouco normativo, aparentemente mais em linha com as novas abordagens antropológicas do parentesco que enfatizam o carácter processual, construído e fluido das relações familiares (MARTINS e FORTES, 2011, p.25).

Perante um campo pouco normativo descrito pelos autores(as) acima mencionados(as), a família cabo-verdiana vem sendo cada vez mais alvo de retóricas políticas e morais que mencionam as “famílias desestruturadas”, entretanto, na prática, não estamos perante uma família “desestruturada”, mas sim outras formas de organização familiar que não o idealizado, isto é, uma família patriarcal e nuclear (LOBO, 2012; RODRIGUES, 2007; MARTINS e FORTES, 2011).

Nesta óptica, aludo a uma outra dimensão da forma de organização familiar descrita por Lobo (2010). Esta autora a partir de um estudo sobre Boa Vista, caracterizou a organização familiar cabo-verdiana como sendo de família extensa com uma priorização dos laços consanguíneos à relação conjugal, com forte mobilidade de homens, mulheres e crianças entre as casas e tendo como unidade básica central a mulher, em que o homem aparece na relação com ausência física e distante do quotidiano dos filhos e de suas mães, isso apesar de uma ideia patriarcal em que o homem é autoridade sobre o destino dos filhos e sobre o percurso da vida da mulher. Segundo a autora, na prática, em Cabo Verde a mulher detém um importante papel social e económico uma vez que os arranjos afectivos que predominam estimulam a circulação dos homens por várias unidades domésticas, de forma que a mulher desempenha uma função indispensável quer nos cuidados domésticos quer em termos económicos, e mesmo no caso em que não tem uma presença física no quotidiano da família, ela exerce um papel importante na educação dos filhos e no apoio financeiro da sua família, ao contrário dos homens, que mesmo estando próximos fisicamente, raramente assumem a responsabilidade financeira para com os filhos (LOBO, 2010 e 2012).

Esta discrepância de gênero em que para homens e mulheres são atribuídas diferentes funções dentro da família, também foi encontrada na pesquisa de campo. Enquanto os homens raramente se encontravam em casa, isto é, com uma convivência diária com as mulheres e filhos, as mulheres se apresentavam como responsáveis pela casa, pelo cuidado das crianças, e dos próprios maridos ou companheiros, sendo que muitas vezes elas é que saíam para fora de casa à procura do ganha-pão, pois para algumas delas o que o homem dava não era suficiente para as despesas de toda a família, para outras, os homens não chegavam a contribuir com nenhuma despesa.

Na abordagem em campo, as mulheres frequentemente afirmaram valores de gênero que consideravam como responsabilidades femininas como o cuidado com a casa, com as lides domésticas e com as crianças. Foi o que abordou Nanda, uma das interlocutoras deste estudo, quando fez uma forte crítica a sua cunhada por esta não saber cozinhar e deixar seu irmão com fome, de não lavar a roupa dele como deveria e, principalmente, por sua cunhada passar muito tempo fora de casa. Para Nanda, seu irmão fez bem em *arranjar*² outra *mãe de filho*, porque só assim sua vida melhorou e ele pôde mostrar que era *homem de verdade*:

Mulher tem que ser mulher em todos os sentidos, temos que saber cozinhar, lavar roupa, cuidar de casa e dos filhos. Homens não têm jeito para fazer isso, homem que não encontrar mulher que sabe fazer tudo isso tem o dever de arranjar outra mulher que saiba fazer essas tarefas, é o caso do meu irmão. A mulher que ele arranjou primeiro não sabe fazer nada disso, passa a maior parte do tempo na casa dos vizinhos a fofocar. Nem cozinhar, que é fundamental, ela sabe. (Nanda, 48 anos)

Através do excerto acima fica evidente que os trabalhos domésticos eram vistos como atribuição das mulheres. Além disso, demonstra como a solidariedade entre irmãos pode resultar numa relativização de desigualdades

² A expressão *arranjar* foi usual no campo para abordar a composição de conjugalidades, como também da reprodução, levando a pensar em uma dimensão prática e social em torno de relações amorosas, de maternidades e paternidades (*arranjar marido*, *arranjar mulher*, *arranjar filho*).

de género nas atribuições conjugais, evidenciando o predomínio dos laços entre consanguíneos no sistema matrifocal (FONSECA, 2000).

A forma de organização familiar na qual este estudo se debruça é o caso de um homem possuir várias mulheres em simultâneo. Ao estudarem dinâmicas familiares em Cabo Verde, Lobo (2012) e Dias (2006) afirmaram que o homem tem simultaneamente relações afectivas com mais de uma mulher, o que para elas poderia estar na causa do distanciamento dos homens em relação às mulheres e aos filhos, mas também poderia permitir a circulação do homem em diversas unidades domésticas, acabando desta forma por se afastarem de cada uma delas progressivamente. Além disso, demonstraram que o sentido da masculinidade passava pela distância do homem do ambiente doméstico, incluindo o cuidado das crianças.

As histórias de vidas encontradas no campo e apresentadas aqui demonstram justamente o esforço das mulheres em assumirem as suas responsabilidades familiares e cumprirem tarefas que segundo elas eram deveres próprios, além de outros deixados de cumprir pelos homens. Arlinda relatou que não contou e não conta com o apoio do pai dos quatro primeiros filhos para dar de comer as crianças, por isso ela se considera *mãe e pai* de seus filhos, para além de trabalhos domésticos que faz no quotidiano que ela reconhece como sendo deveres dela, ela busca trabalho para o sustento da casa.

Numa situação similar encontra-se Joana, que apesar de receber uma certa quantia da parte do marido, em determinado momento da sua vida ela as considerou insuficientes para o sustento total da casa, por isso teve que buscar uma complementação através do auxílio nos trabalhos de agricultura de regadio e de sequeiro³. Já Nelita teve que procurar emprego como cozinheira para sustentar a sua família quando Nelson, seu companheiro, *arranjou* outra

³ O trabalho na agricultura, em Cabo Verde, é identificado a partir destes dois momentos: regadio e sequeiro. No primeiro, faz-se a plantação e os agricultores tem como recursos diferentes formas de rega, no segundo, as plantas desenvolvem-se exclusivamente com a água da chuva, sem recurso à rega.

*mãe de filho*⁴ e começou a ter mais despesas. Nelita viu-se obrigada a procurar emprego para poder ter lugar para morar, mas também, segundo ela, para não depender exclusivamente da boa vontade do companheiro.

Histórias semelhantes a essas são vivenciadas por um grande número de mulheres em Cabo Verde, em geral mais com especial destaque por mulheres que vivem nas zonas rurais e neste caso particular as do conselho de Santa Catarina que se consideram chefes de família e responsáveis únicas das suas famílias. Comparando esse aspecto com outras paragens Finan e Henderson (1988) afirmaram que em Cabo Verde, mais concretamente na Ilha de Santiago, foi desenvolvido um tipo diferente de casas chefiadas por mulheres do que aquelas existentes no continente africano e no Caribe. Segundo eles, o padrão da mãe como chefe encontrado em Cabo Verde não é, necessariamente, uma consequência da emigração masculina, mas sim da falta de alternativas e oportunidades económicas.

Perante a falta de oportunidades, a pobreza do país, e mais ainda pelos papéis desiguais atribuídos aos homens e às mulheres, boa parte das mulheres em Cabo Verde encontram alternativa no sector informal. Segundo Veiga (2010), a partir dos anos 80, a família em Cabo Verde sofreu transformações profundas, a um ritmo rápido, visível e a nível demográfico. Em âmbito social Cabo Verde sofreu nas últimas décadas transformações em vários domínios da vida familiar: o casamento diminuiu consideravelmente; a proporção de divórcios aumentou; a actividade profissional feminina aumentou significativamente; cada vez mais um maior número de casais tem menos filhos, em resultado da diminuição continuada da fecundidade; e do facto de um elevado número de mulheres atingiram graus de ensino médio e superior (VEIGA, 2010, p.18).

Esses ganhos, segundo o referido autor, contribuíram para o aparecimento de novas formas de relações familiares, mais igualitárias, pois essas alterações indicaram a emergência de uma multiplicidade de formas de viver as relações

⁴ As expressões *mãe de filho* e *pai de filho* são utilizadas para designar relações de maternidade e paternidade, caracterizando uma autonomia deste laço em relação à conjugalidade.

familiares, a partir dos anos 1990 (VEIGA, 2010, p.18). Apesar das mudanças registadas nesses últimos anos, na qual as mulheres vêm se destacando em vários domínios, nomeadamente, educação, economia, política entre outros, ainda um número considerável delas continua marginalizada do processo do desenvolvimento do país.

Gomes (2011, p.155) menciona que 40% das famílias cabo-verdianas são chefiadas por mulheres, com destaque para as camadas mais pobres, em que a mulher continua tendo dupla jornada de trabalho, o analfabetismo atinge mais as mulheres apesar de haver mais mulheres do que homens em Cabo Verde e o desemprego também atinge mais as mulheres e estas quando trabalham auferem salários mais baixos do que os homens, muitas vezes por falta de preparação e, por outro lado, porque na maior parte das vezes desempenham tarefas ditas femininas e por isso menos remunerados. Numa análise recente a partir de dados fornecidos pelo Censo de 2010, o ICIEG destacou que as mulheres estão mais presentes no sector informal e mais precisamente representadas nas actividades informais de comércio enquanto que os sectores de indústria e serviços são ocupados pelos homens. A nível educativo, o analfabetismo continua também a afectar mais as mulheres em relação aos homens (ICIEG, 2012).

Por exemplo, Joana, uma das interlocutoras em campo, é analfabeta, pois quando na idade de ir para escola seu pai não permitiu porque *menino fêmea*⁵ devia aprender em casa com a mãe, outra justificativa do pai era de que ela iria aprender a escrever cartas para namorado. Contudo, já adulta e depois de casar frequentou uma escola de alfabetização para adultos onde aprendeu a escrever o seu nome, mas hoje diz escrever com dificuldade por falta de prática. Casos iguais ao de Joana não são únicos, como mostram as estatísticas e a situação desigual em que se encontram as mulheres em diversos domínios da vida social em Cabo Verde.

⁵ *Menino fêmea e menino macho* são formas correntes de designar o sexo das crianças.

Em que prevaleça uma interpretação social corrente em torno do predomínio de relações patriarcais em Cabo Verde, esta análise focalizará as experiências e concepções acessadas durante o trabalho de campo, sendo guiada pelo conceito de género proposto por Scott (1995).

O conceito de género destaca a construção social da diferença sexual. Conforme propôs Scott (1995), é necessário pensar-se género de forma relacional, com sentidos construídos a partir de relações sociais, além de ser um princípio presente em toda a vida social. Neste sentido, a autora apresenta a seguinte definição: “(1) o género é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o género é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Nesta acepção, conforme referido, importa contextualizar os valores de género em situações concretas, com base nas experiências compartilhadas em campo (ROSALDO, 1995).

1.2 Apresentação de concelho de Santa Catarina de Santiago

O concelho de Santa Catarina de Santiago localiza-se na zona central da ilha de Santiago, a 44 km da capital Praia. Sua população actual é de aproximadamente 43.250 habitantes distribuídos por 51 localidades, segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, censo 2010). Está cercada pelos restantes concelhos da ilha de Santiago: São Miguel, Santa Cruz, São Salvador do Mundo e Tarrafal. Segundo os dados históricos, este concelho teve a sua origem em Dezembro de 1883 com a transferência da sede do concelho de Ribeira Grande para a povoação de Picos na freguesia de São Salvador do Mundo. Em Abril de 1935, por decreto, o Concelho passa a ter sua sede em Assomada, tendo no seu sistema administrativo uma Comissão Municipal, que por sua vez, em 1961 é elevada à categoria de Câmara Municipal.

Figura 1 – Mapa de Santa Catarina



Fonte: Plano Director Municipal do Município de Santa Catarina ano 2011

A sua sede principal é a cidade de Assomada, o segundo maior centro urbano da ilha de Santiago e a terceira a nível nacional, foi levada a categoria de cidade no dia 13 de Maio de 2001. De acordo com o censo 2010, a cidade alberga uma população de (12.332) distribuídos por 22 bairros, é ali que se encontram localizadas algumas das infra-estruturas mais importantes do

concelho, nomeadamente, o centro de saúde, a câmara municipal, escolas de ensino básico, o liceu Amílcar Cabral o maior do país, e uma universidade privada que iniciou no ano 2008.

Figura 2 – Cidade de Assomada



Fonte: Registrada pela pesquisadora

A cidade de Assomada é um importante pólo comercial onde, nos dias de feiras (quartas e sábados), se verifica uma grande movimentação de pessoas que se deslocam de vários outros concelhos vizinhos para vender e comprar os produtos que ali são expostos. Os produtos ali comercializados são vários, desde produtos de primeira necessidade como legumes, peixes, carnes e frutas, à bens de necessidades secundárias como vestuários, calçados e móveis para casas. Esse tipo de comércio informal é praticado essencialmente por mulheres, designadas de *rabidantes*, que através desta prática procuram o sustento das suas famílias e sua autonomia financeira. Duas mulheres entre as minhas interlocutoras em campo são *rabidantes*. Segundo uma das minhas interlocutoras, *rabidantes* são pessoas que compram um determinado produto e revendem por um preço mais elevado com objectivo de tirar algum lucro para a sua sobrevivência.

Silva (2010) refere que em Cabo Verde, assim como em vários outros países africanos, as actividades informais são tradicionalmente protagonizadas pelas mulheres. Na base desta prática, segundo a autora, está a concentração da população nos centros urbanos, sem o aumento do ritmo de produção de emprego no sector formal da economia. Tal aspecto tem contribuído para o aumento do sector informal na sociedade cabo-verdiana e, conseqüentemente, para a feminização desta actividade.

Figura 3- Dia de feira em Assomada



Fonte: Registrada pela pesquisadora

O concelho também é reconhecido por sua vertente rural, sendo que a sua principal actividade económica vem da agricultura de sequeiro e regadio, a pecuária aparece como uma actividade complementar à agricultura, que constitui um importante recurso para a população rural, incluindo a criação de gados, com destaque para criação de bovinos e caprinos. Além do predomínio da agricultura, duas localidades se definem como zonas piscatórias: Ribeira da Barca e Rincão.

1.3 Conhecendo *kumbóssas* em Santa Catarina

O terno *kumbóssa* em Santa Catarina é designado como sendo uma conexão entre mulheres que compartilham o mesmo homem, de forma similar aos laços de parentesco. As mulheres são designadas por *kumbóssas* quando mantêm uma relação fixa em simultâneo com o mesmo homem.

Quando a conjugalidade envolve um homem com várias mulheres, a ordem de chegada na relação posiciona cada mulher na relação. Este aspecto será desenvolvido mais adiante, aqui quero dizer que existem nomes designados para as mulheres conforme o grau de importância na relação, quando uma mulher é casada ou mesmo não sendo casada legalmente, mas quando divide o mesmo espaço físico com homem, ela é reconhecida socialmente como sendo *mulher* daquele homem. Quando um homem, para além da mulher com quem é casado ou cohabita, tem outra ou outras mulheres, estas são socialmente reconhecidas como sendo *raparigas* daquele homem, e isso pode pesar desfavoravelmente às mulheres em relação ao mercado matrimonial.

Essa pesquisa abrangeu cinco mulheres que vivenciam a situação de *kumbóssas* e mais três que foram observadas durante a ocasião de uma morte, mas que não quiseram falar sobre as suas vivências. Todas essas mulheres são naturais do concelho de Santa Catarina. Os nomes designadas às *kumbóssas* no decorrer deste trabalho são fictícios, como forma de preservar a identidade destas, pois a maior parte das interlocutoras mostrou alguma preocupação neste sentido.

Arlinda é solteira, tem quarenta e dois anos de idade, é mãe de cinco filhos, sendo quatro do primeiro relacionamento que teve com Mário, que durou aproximadamente vinte anos. No primeiro relacionamento esteve melhor posicionada na conjugalidade, pois foi a primeira a entrar na relação e por essa razão se considerava como *mulher* do Mário. Desde 2007 tem um relacionamento com um homem casado, que vive com a esposa na Europa, com quem teve a última filha, que estava com aproximadamente três anos no momento da pesquisa. Ela é *rabidante*, profissão que exerce à mais de vinte dois anos, vende roupas para homens, mulheres e crianças.

Nanda tem quarenta e oito anos de idade, é mãe de três filhos. Um do seu relacionamento com o primeiro companheiro e os dois últimos filhos teve com João, com quem viveu até 2010, ano em que ele faleceu. João tinha outras mulheres antes da Nanda entrar na relação e Nanda sabia disso, pois a mulher com que o João morava é da mesma localidade que ela. Este último relacionamento durou aproximadamente quinze anos. Nanda é funcionária pública, mas alega que ganha pouco, por isso auxilia nos trabalhos de agricultura e criação de gado para sustentar a sua família.

Joana tem cinquenta e dois anos de idade, é doméstica é a mais velha das minhas interlocutoras, também a única que é casada oficialmente. Teve três filhos, todos com o seu marido, dois dos filhos nasceram em Portugal e vivem lá até então e o mais novo mora com ela. Joana casou jovem, com o único relacionamento que teve. O marido teve vários filhos fora do casamento e mesmo com mulheres que moravam na mesma localidade. Actualmente ela e o marido não vivem mais *como mulher e marido*, apesar de continuarem sendo casados oficialmente, pois o marido a deixou para viver com outra mulher fora de Cabo Verde, mesmo assim Joana considera ser a mulher mais importante na vida do seu marido, porque para além do compromisso que assumiu perante a sociedade tem um compromisso maior, que é com Deus, que é para toda vida.

Nelita é solteira e tem vinte e oito anos de idade, vive um relacionamento de quase quinze anos com Nelson, com quem teve dois filhos, a semelhança de Joana, foi o único relacionamento que ela teve em sua vida. No início do relacionamento tudo caminhou bem, até Nelson começar a *arranjar* outras mulheres. É a que mais teve problemas com suas *kumbóssas*, brigou com várias delas e algumas vezes com o próprio companheiro. Actualmente trabalha como cozinheira num restaurante, no centro principal do concelho de Santa Catarina, para poder sustentar a família pois o dinheiro que Nelson lhe dá não é suficiente para o sustento total da casa.

Salvadora tem quarenta e oito anos, é peixeira e vive numa das comunidades piscatórias do concelho em estudo, sempre teve várias *kumbóssas* ao longo do seu relacionamento, compartilha o mesmo espaço físico com um homem, mas não são casados oficialmente. Ela teve muita resistência em aceitar ser interlocutora neste trabalho por isso consegui apenas essas informações sobre ela.

As restantes três *kumbóssas* que conheci durante a ocasião de duas mortes são todas *kumbóssas* da Nanda, interlocutora acima apresentada, elas não quiseram dar nenhum depoimento sobre as suas situações.

Para compreender o ponto de vista das mulheres enquanto *kumbóssas* convém saber a partir delas próprias como se descrevem como tal. No início da minha pesquisa em campo, quando procurava mulheres que vivenciam a situação de *kumbóssas*, através de uma amiga conheci Salvadora como sendo uma mulher que tem muitas *kumbóssas*. Quando fui abordá-la sobre a minha pesquisa, ela disse que não estava interessada em participar, para eu procurar outras mulheres, no entanto numa outra ocasião ela perguntou se o meu trabalho já tinha terminado, falei que não, tinha tido dificuldades de encontrar mulheres que aceitassem participar, então com a cara de espanto ela me respondeu:

Hum!!! Não encontrou *kumbóssas*? O que não falta em Santa Catarina são *kumbóssas*, conta-se nos dedos das mãos homens que nunca tiveram mais de uma mulher, os poucos homens que nunca tiveram mais de uma mulher é porque são *mufinos*⁶ e não servem, e estes nenhuma mulher quer [...] Conforme se diz num bom crioulo *homem é chuva e mulher é planta*, portanto são poucas mulheres aqui que nunca tiveram a sensação de ter *kumbóssa*. (Salvadora, 48 anos, peixeira)

Esse depoimento permite conhecer os atributos de género dentro da vivência conjugal, assim como também foi possível perceber como é que as mulheres

⁶ A expressão *mufino* é utilizada na língua crioula para desqualificar os homens pela ausência de coragem e demais atributos considerados como importantes na configuração de masculinidades valorizadas em Cabo Verde.

se identificam enquanto *kumbóssas*, o seu lugar na relação e o lugar atribuído ao homem. Através deste depoimento ainda podemos ver como nesta sociedade os papéis determinados para cada sexo na conjugalidade se encontram fortemente enraizados no quotidiano das pessoas.

No trecho acima, a mulher *kumbóssa* é comparada a uma planta, com as seguintes características: permanente, estável, dependente e reprodutora, enquanto o homem é apresentado como imprevisível, escasso, independente, inconstante, controlador. Essas características vêm essencialmente naturalizar valores de género na sociedade cabo-verdiana, que colocam homens e mulheres em posições diferentes na sociedade e, principalmente, posições desiguais no relacionamento. Assim, no contexto da conjugalidade, o discurso dessa *kumbóssa* nos permite interpretar que assim como a chuva tem o poder para regar várias plantas ao mesmo tempo o homem também pode ter várias mulheres ao mesmo tempo.

Esse poderio masculino que coloca a mulher numa posição de submissão em relação aos homens na conjugalidade e noutros aspectos do quotidiano, durante muito tempo escondeu e dificultou a visualização do contributo da mulher no desenvolvimento da sociedade cabo-verdiana, devido a discriminação de género de que a mulher sempre foi vítima a sua história foi sempre visível na esfera doméstica e familiar (CABRAL, 2011). O homem, pelo contrário, esteve sempre à frente nas tomadas de decisões mais importantes na família e da vida social. Todavia, a mesma autora afirma que nem sempre todas as mulheres aceitaram pacificamente os papéis que lhes foram destinadas pela sociedade patriarcal, “houve algumas que, de posse de bens, puderam exercer o poder sobre suas próprias vidas, fugindo do tradicional papel feminino.” (CABRAL, 2011, p.8). Esse facto atesta que a mulher, apesar de uma aparência pouco valorizada em determinados acontecimentos históricos em Cabo Verde, ela sempre esteve presente e participativa na sociedade cabo-verdiana.

No intuito de resgatar e tornar mais visível a contribuição que a mulher cabo-verdiana e mais precisamente a mulher rural despendeu no processo da

descolonização portuguesa e na reconstrução do país após a independência, Anjos (2011), através de um estudo realizada em Santa Catarina de Santiago, mais concretamente na localidade de Ribeirão Manuel, local onde se deu uma das mais conhecidas revoltas camponesas nas lutas pela independência. A revolta de Ribeirão Manuel foi liderada por mulheres que se posicionaram contra as relações laborais existentes na época e as condições de sobrevivência a que os cabo-verdianos estavam sujeitos, por este motivo, contrasta com a ideia da mulher submissa que tem um papel secundário na tomada de decisões e projecta a imagem de uma mulher lutadora que desafiou o poder colonial e patriarcal.

Assim, podemos ver que a pouca visibilidade da mulher na vida política e social passa pela discriminação de género persistente na sociedade, que não possibilita focalizar a agência das mulheres nesta dimensão da vida social, bem como o lugar destas na manutenção económica das famílias, conforme foi possível acompanhar ao longo deste trabalho.

CAPÍTULO 2 – CONJUGALIDADES NA PERSPECTIVA DE MULHERES *KUMBÓSSAS*

Conforme já mencionado, a família cabo-verdiana tem sido descrita como matrifocal e patriarcal. Matrifocal, principalmente em referência à aproximação do continente africano em termos de família extensa e predomínio das relações entre mães e filhos, e patriarcal, em termos das relações de gênero e poder. Este capítulo irá focalizar a perspectiva de *kumbossas* sobre as relações de conjugalidade e suas vivências neste aspecto.

2.1 Família na perspectiva das *kumbóssas*

Lobo (2010), quando fala da organização familiar cabo-verdiana, faz referência a uma sociedade marcada pela mistura de processos de valores e símbolos oriundos de vertentes civilizatórias diferentes, onde as práticas sociais revelam a competição que ora favorece uma vertente ora outra. Desta forma, as práticas que reproduzem um sistema familiar operam também com valores calcados num modelo familiar nuclear: um casal em co-residência e seus filhos.

O dilema entre a forma familiar matrifocal e o modelo nuclear encontra-se claramente no discurso das mulheres *kumbóssas* em estudo. Arlinda, mãe de cinco filhos, sendo quatro de um primeiro relacionamento e um do segundo relacionamento com um homem casado, não está satisfeita nem se conforma com a família que ela tem hoje. Para ela o ideal seria que todos os seus filhos tivessem o mesmo pai, assim as diferenças e as disputas na educação entre os filhos seria nula, além do mais possuiriam o mesmo sangue.

A vida é complicada, eu às vezes penso em deixar as chatices de homem para lá, mas já tenho quatro filhos com aquele *mufino* (ex-companheiro) não tive sorte, agora estou com o pai da minha filha mais nova, se eu terminar com ele tenho que arranjar outro homem e ter outro filho. Por isso, me consolo com este, apesar de saber que ele tem a sua mulher, faço isso por causa dos meus filhos, porque não é bom ter cada filho com um pai, as crianças crescem com diferença uns dos outros, por

mais que se tente, a amizade entre eles não fica igual aos que têm o mesmo pai, cada um tenta puxar para o seu lado e fica uma família *de riba pa baxu*⁷, feio mesmo. (Arlinda, 42 anos, comerciante)

Arlinda que ansiava por uma família *bonita* e unida igual à que foi criada, com mãe, filhos e pai *juntos por uma só causa*, a unidade. O facto de não conseguir isso para com os seus filhos, lhe deixa angustiada pois os filhos tendem por uma educação diferente uma da outra.

É importante lembrar aqui que quando Arlinda se refere a uma família unida, *juntos por uma só causa*, ela se refere a uma união em termos do relacionamento e não juntos no mesmo espaço físico, isto é, compartilhando sempre da mesma residência, pois ela contou que o pai dela viveu um longo período como emigrante em Portugal. Em Cabo Verde é comum encontrar famílias que um dos membros vive fora do país, no caso de Arlinda foi seu pai que emigrou e deixou sua mãe e os seus irmãos, apesar da distância, o pai, segundo Arlinda soube administrar bem a família aqui, mandando remessas e impondo autoridade quando necessário de lá para cá.

A distância física do homem na família em Cabo Verde foi constatada também por autoras como Lobo (2012) e Dias (2006) entre outras, e mesmo no caso de Boa Vista, estudado por Lobo (2012), onde a emigração por parte das mulheres é maior, a distância física do homem na vida familiar continuou a existir.

No caso deste trabalho, o desejo por uma família ideal constituída por mãe, pai e filhos está patente principalmente entre as mulheres que lutam por mantê-la quando ela existe e por aquelas que ainda não têm, mas que gostariam de ter.

Com o objectivo de conseguir uma família organizada, segundo o ponto de vista das *kumbóssas*, elas seriam até capazes de brigar com a adversária para que esta deixe a relação, mas também em alguns casos até de ajudar a

⁷ De cima para baixo.

adversária a viajar como uma forma de conseguirem uma relação mais estável. Foi o que me contou Nelita, que para se livrar da sua *kumbóssa* ela seria até capaz de fazer empréstimo para ajudar sua *kumbóssa* viajar e sair da relação com seu companheiro. Neste caso, fica claro que as disputas entre as *kumbóssas* estão além da posição na relação, mas também no sentido de ter ou manter uma maior estabilidade familiar.

A busca de estabilidade familiar constitui uma constante na vida destas mulheres, com especial destaque para o bem-estar dos filhos, contudo, a existência de filhos na relação entre o homem e mulher não é sinónimo de estabilidade na relação, porque na maior parte das vezes pai e filhos não vivem na mesma casa, e quando o homem mantém vários lares em simultâneo o *déficit* acaba por acontecer em todas elas, pois nenhuma família consegue cumprir o ideal de ser uma família constituída por pai mãe e filhos.

Entretanto, o homem que consegue manter vários lares é visto positivamente pelas mulheres, esta contradição para as mulheres quantifica a relação, mas não qualifica. Nanda faz elogios ao companheiro já falecido por saber manter ao mesmo tempo várias mulheres, entretanto teve momentos que ela disse que o facto do homem ter várias mulheres acaba muitas vezes por não poder dar atenção necessária para todas.

Neste sentido, a existência de mais de uma mulher na relação afasta a possibilidade de cumprir o ideal da família nuclear. Joana no seu discurso revela que sofreu muitas vezes os desaforos do seu marido por causa dos seus filhos que estavam pequenos, ela não queria que sua família fosse *trapadjadu*⁸ e nem queria que seu marido tivesse filhos fora do casamento, como não conseguiu impedir que isso acontecesse caracterizou sua família como sendo *trapadjadu*. Segundo ela, uma família organizada ou *dretu* seria igual a que sua irmã, que casou com um francês, conseguiu ter, *família unida constituída por mãe, pai e filhos*.

⁸ Atrapalhada.

Mais uma vez podemos identificar o peso do ideal de família nuclear europeia. Segundo Lopes Filho (1996), persiste um ideal de família que se representa em conformidade com os valores dominantes, isto é, da elite, entretanto, o mesmo afirma que em Cabo Verde a família nuclear é pouco numerosa, principalmente nas zonas rurais e nos estratos sociais mais baixos.

Ao Contrário do que fez referência Lobo (2012), de uma “família espalhada” na perspectiva das mulheres boavistenses, em que apesar da distância física permanece todo esforço no sentido de criar elementos para o sentimento de pertencimento, de estar ligado baseado na ajuda mútua, solidariedade e cumprimento de obrigações, no caso aqui abordado, quando Joana se refere a uma família *trapadjadu* ela quis dizer que esses valores acima referidos são postos de lado, isto é, numa família *trapadjadu* como a da Joana em que os seus filhos e filhas de sua *kumbóssa* mal se falam apesar de haver o laço sanguíneo tido como importante, não existe ajuda mútua, solidariedade e nem amizade mesmo não havendo distância física, lembrando aqui que alguns irmãos dos filhos da Joana, que são filhos da sua *kumbóssa*, moram próximos a ela, e neste particular o laço de sangue, embora reconhecido, foi posto de lado. Esse facto nos leva aqui a proferir que embora Joana não goste da situação, ela reconhece os irmãos dos seus filhos como sendo da família, o que reforça a ideia de uma outra mulher *kumbóssa* abordada neste estudo quando referiu que *sangui ka ta laba*⁹.

Através do exposto, fica patente o dilema na vida familiar da Joana e das mulheres que vivenciam a situação de ter e de serem *kumbóssas*, dado o ideal de modelo nuclear europeu e a família real, que faz parte do quotidiano delas e que tem matriz africana.

⁹ Sangue não se lava.

2.2 Olhares sobre o casamento

Segundo Augé (1975) no seu estudo sobre parentesco:

Casamento é um complexo de normas sociais que sancionam as relações sexuais entre um homem e uma mulher e que os liga por um sistema de obrigações e direitos mútuos; por meio desta união, os filhos que a mulher dá à luz são reconhecidos como a progenitura legítima de ambos os pais. [...] Estes efeitos do casamento (mudança de estatuto dos esposos, criação de laços entre grupos de parentesco) constituem a diferença fundamental entre o casamento e qualquer outra forma de relações sexuais, temporárias ou permanentes. (AUGÉ, 1975, p.38)

Em Cabo Verde, a maioria de homens e mulheres vivem em união de facto. O casamento formal raramente acontece, o homem vive numa alternância entre vários lares ao longo da maior parte da sua vida, tendo filhos com várias mulheres em simultâneo. Este facto dá um carácter de instabilidade à relação homem-mulher, o que por sua vez origina uma família vista por muitos como sendo “desestruturada” (LOBO, 2012).

As mulheres vivem num constante clima de insegurança e rivalidade umas com as outras quando partilham o mesmo homem. A ordem de chegada na relação neste caso é muito importante porque dá a primeira a razão para lutar por *seu homem*, tentando tirar sua *kumbóssa* do caminho para ficar com o homem com exclusividade, porém, isso não significa que as restantes não podem lutar pelo homem, podem sim, mas respeitando a posição da primeira, entretanto em alguns casos as que chegam depois até conseguem tirar a primeira do caminho.

Essa disputa dá ao homem um maior estatuto junto aos seus colegas, pois o facto de ter várias mulheres em simultâneo está fortemente ligado à questão da masculinidade, conforme verificamos a partir do uso da expressão *mufino* depreciando o homem que não é capaz de manter vários relacionamentos sexuais. Segundo Grossi (1995), uma das principais características da

masculinidade na cultura ocidental é que “o masculino é activo. Ser activo, no senso comum a respeito de gênero significa ser activo sexualmente” (GROSSI 1995, p.6). Esta ideia também foi exposta por Anjos (2005) no seu estudo sobre sexualidade juvenil de classes populares no contexto cabo-verdiano, onde a masculinidade, segundo o autor, está fortemente ligada à sexualidade e à capacidade sexual masculina (ANJOS, 2005, p.174).

Desta forma, a união de facto é muito comum nesse arquipélago e sobretudo um casamento formal representa para a mulher uma segurança, uma garantia e um maior estatuto social que lhe diferencia das demais mulheres, esse estatuto que só o homem pode dar para mulher e que para muitas delas já se encontra predestinado por Deus, está na base das disputas. Todavia, se por um lado esse estatuto diferencia pela positiva a mulher, por outro lado trás consigo maiores responsabilidades familiares, domésticas e a nível moral mais ainda.

Nos dias de hoje, apesar de fortes mudanças na sociedade, o casamento continua a ser um evento social bastante falado e desejado pelas mulheres, porém um número reduzido de mulheres consegue a realização deste “sonho”. No interior da ilha de Santiago, mais precisamente em Santa Catarina, esse evento social é muito festejado, ele envolve um número grande de pessoas, principalmente familiares do noivo e da noiva, por esta razão é que antigamente um homem contava com apoio dos familiares e amigos mais próximos para escolha da noiva, a noiva tinha que preencher um conjunto de requisitos a ser aprovada pelos familiares do noivo e principalmente pela sociedade, tais como ser de *boa família*, ter um *comportamento sério*¹⁰, ser trabalhadeira, e neste caso saber cuidar do lar para *não por o marido na vergonha*.

Os critérios para avaliação de uma mulher casada ou que merece casar continuam a existir e estão na base do seu comportamento no dia a dia. Em Santa Catarina é bastante comum ouvir comentários sobre comportamentos de mulheres casadas e das que vão casar, isso tudo porque a sociedade espera

¹⁰ Comportamento exemplar, principalmente em relação à sexualidade, que torna uma mulher merecedora do casamento, segundo o concelho em estudo.

das mulheres casadas um comportamento diferenciado em relação às solteiras. No dia do casamento a biografia da mulher se encontra na *boca do povo*, se a mulher que casa preenche todos os requisitos para tal é bastante elogiada no dia do casório, é o caso da Celina abaixo citado:

Celina casou hoje! Ela é que merece, ela teve mais sorte, mas também já aguentou muito, Zé tinha várias namoradas, mas ela não desistiu, ficou lá mesmo assim. Depois, os familiares dela são todos religiosos. (Daniela, estudante).

Ao contrário acontece a uma mulher que é considerada de comportamento desviante e consegue o tão sonhado casamento:

Aquela menina lá é que casou? Mesmo sendo *bandida*!! é por isso que se diz que *bandidas* têm sorte (...) ela já *kampia*¹¹ até se cansar mas mesmo assim encontrou um homem para casar com ela. *Djugadu*¹² que aquele homem é *bakam*¹³. (Lita, doméstica)

Lopes Filho (1995) relatou que nalgumas ilhas de Cabo Verde, após o casamento, quando os noivos chegam na residência, a noiva, antes de entrar na casa deve parar para escutar os conselhos de uma pessoa mais experiente reforçando o cumprimento dos seus deveres de esposa, enquanto isso, o noivo tem outro ritual específico, ele finge entrar na casa por duas vezes e só numa terceira é que entra e vai ao encontro da noiva, que já se encontra sentada a sua espera, esse ritual tem o significado de reforçar que o lugar da mulher é em casa e do homem na rua, podendo este entrar e sair na hora que bem entender.

Essa liberdade, que é consentida somente ao homem, lhe dá inclusive a liberdade para *arranjar* outra mulher após o casamento, isso caso já não exista

¹¹A expressão foi usada para designar que a mulher antes de casar tinha já relacionado sexualmente com vários homens. Por esse motivo, segundo a informante, a mulher não merece casar.

¹² Expressão crioulo que significa “é evidente, é lógico”.

¹³ Significa neste caso que o homem não está no seu juízo perfeito, não tem capacidade para escolher uma mulher merecedora de casamento.

uma outra ou outras antes do casamento, pois há casos que antes de casar o homem tem mais de uma namorada, ele escolhe uma para casar e as outras continuam na relação após o casamento, desta forma as disputas entre mulheres continuam a existir. Neste caso, a mulher que casa garante melhor posição na relação e o reconhecimento social em relação a sua *kumbóssa*, que passa automaticamente pela posição menos privilegiada, ficando com o título de *rapariga*.

A vivência do casamento no dia a dia das mulheres não constitui uma tarefa fácil tendo em conta que para além das críticas sociais que poderão ser alvo, elas têm que lidar com a ameaça constante de perder ou compartilhar o marido com uma outra mulher, pois o casamento garante o estatuto, mas não garante a exclusividade do marido. Foi o que aconteceu com a Joana que casou com António muito nova. António tinha várias *membras*¹⁴ mas escolheu Joana para casar porque era de *boa família* e tinha um *comportamento exemplar*, depois de casar continuou a *arranjar* várias mulheres e submetendo Joana a conviver com essa situação. Ela, por não concordar, passou muito tempo em conflitos com suas *kumbóssas* e recebeu fortes críticas dos familiares do António porque brigava com suas *kumbóssas*.

Segundo Joana, ela e seu marido actualmente não vivem mais como marido e mulher mas continuam casados no papel, ele já pediu divórcio por diversas vezes, mas Joana de forma alguma pensa em conceder o divórcio, porque não quer perder o estatuto conquistado com muito esforço para sua *kumbóssa*.

Se por um lado o casamento representa para uma mulher vantagem perante sua *kumbóssa*, estatuto perante a sociedade perante Deus e Igreja representa um compromisso para toda a vida. Por outro lado, implica a elas maiores responsabilidades familiares, sociais e divinas, por isso o casamento é sentido por essas mulheres mais como um “peso”, um “sacrifício”. O marido aparece como uma cruz, o que contraria a ideia do “amor romântico” mencionada por Macforlane (1990) no seu estudo sobre história de casamento na Inglaterra. Na

¹⁴ Namoradas.

perspectiva das mulheres pesquisadas, o casamento aparece em algumas ocasiões como um fardo, pois há mais encargos e vigilância social sobre seu desempenho como esposas.

Assim descreveu Joana seu casamento com António. Ela afirmou que depois de casada sempre teve *kumbóssas* e seu marido às vezes passava três dias sem dormir em casa, dormia na casa da *rapariga* e quando chegava era só briga. António, marido da Joana, vivia reclamando que ela não sabia fazer as coisas direito, e ela estava obrigada a lavar as roupas que ele usou nos encontros com *raparigas*, reclama dele dar mais atenção para *raparigas* e tirar-lhe razão quando brigava com elas:

Homem que tem *rapariga*, sempre, sempre (...) qualquer homem, por mais que é direito, no dia que ele arranja *rapariga* não continua direito como era antes, porque *rapariga* é ilusão do mundo. (Joana, 52 anos)

Joana acusa a *rapariga* do seu marido de destruir seu casamento, ela acha que *raparigas* têm mais chances de dar o melhor para os homens, pois elas não têm tantas responsabilidades quanto as casadas, por isso que eles as têm na palma da mão, recebem mais atenção da parte dos homens. As *raparigas* também são acusadas de interesseiras. Joana, no seu depoimento, deu exemplo de José e Maria em que Maria era *rapariga*. Ela contou que depois que José ficou velho, que não pôde mais trabalhar nem dar o seu corpo, Maria lhe trocou por outro e foi a sua mulher que teve que tomar o José e aguentar até a morte.

Na mesma situação se encontra uma vizinha de Joana que, segundo ela, há quase 50 anos atrás o marido deixou-a para viver com a *rapariga*. Eles casaram e pouco tempo depois o marido optou por viver exclusivamente com a *rapariga*, actualmente ele e a *rapariga* já tiveram todos os filhos juntos até que ambos já ficaram velhos. Agora que o marido se encontra doente, na véspera da morte, a *rapariga* não quer assumir as responsabilidades, quer viajar e deixar o marido em Cabo Verde, pois ela quer viver com os filhos no

estrangeiro. Para Joana, se isso acontecer, cabe à *mulher* assumir o marido. A mulher que foi deixada, porém nunca negou tomar o seu marido para cuidar, disse Joana, pois para ela seu *marido é sua cruz que ela assumiu carregar perante Deus e a igreja e pretende carrega-lá até ao fim, levando a cruz aonde ela tomou, que foi na igreja*. Ela só não foi buscar o marido de volta para casa porque os filhos não a deixaram, caso contrário teria feito isso. Joana acrescenta ainda que essa sua vizinha, no caso do marido falecer antes dela, ela disse estar preparada para ir para o funeral e acompanhar o homem até a sua última morada.

Por sua vez, Nelita refere a sua *kumbóssa* como *xuxu*¹⁵. Conta seu sofrimento por causa de Nelson, seu companheiro, ela entrou primeiro na relação e com apenas 13 anos teve seu primeiro filho, mas quando Nelson começou a arranjar outras mulheres a vida nunca mais voltou ao mesmo. Antes, segundo Nelita, quando ele trabalhava entregava dinheiro para ela pagar renda e guardar o resto, depois que arranjou outra mulher nem o aluguel da casa conseguia mais pagar, tendo a Nelita que procurar trabalho para poder sustentar os filhos e a casa.

No entanto, Nelita culpa seus familiares por não a deixarem casar com Nelson, pois aguentou na mesma todo o sofrimento que uma mulher casada sofre e continuou junto com ele, apesar dele arranjar mais três *mães de filhos* ela nunca arranjou outro homem para lhe sustentar.

Já Arlinda acusa seu ex-companheiro de estragar a sua vida porque ela tinha planos para emigrar, mas por causa da promessa de casamento ela desistiu e ele acabou por não casar e, para piorar a situação, ele arranjou muitas outras *mães de filhos*.

Para Joana, a verdadeira *dona* do marido é aquela mulher que casou. O homem pode andar por aí com muitas mulheres e *curtir* o quanto puder, utilizando a sua mão-de-obra ou o seu próprio corpo, mas quando a morte se

¹⁵ A interlocutora referiu à sua *kumbóssa* como *xuxu* que é uma expressão crioula para designar *démonio* por esta querer destruir a sua família.

aproxima, ele tem o direito de voltar para esposa e a esposa tem o dever de o receber, pois foi ele quem lhe deu o tão sonhado estatuto que a distinguiu das restantes outras *kumbóssas*: o casamento. Ideia semelhante tem a Nelita, quando diz que como a primeira na relação foi ela, sonha com o dia que Nelson pare de arranjar mulheres para ficar exclusivamente com ela.

Diante da importância dada à família e permanência em uma relação conjugal estável para a aquisição de estatuto social positivo, torna fundamental conhecer as razões que levam as mulheres a entrarem numa relação sabendo que o homem já tem outras mulheres e ou a permanecerem numa relação como *raparigas*.

Uma mulher, quando não consegue o primeiro lugar na relação ou muito menos casar, lhe restam duas alternativas, ficar sozinha e trabalhar para sustentar os filhos ou entrar na disputa com outras mulheres para garantir um homem que ajude a sustentar sua família.

As razões apresentadas pelas mulheres para aceitarem o lugar de *raparigas* foram várias. Arlinda se considera uma mulher *sem sorte* por nunca ter encontrado um homem *bom*, que a ajudasse na criação dos filhos e muito menos ajudasse com as despesas, ela sempre teve que trabalhar duro para colocar comida na mesa. Segundo ela, conseguir o melhor lugar no relacionamento é uma questão de sorte, pois nenhuma mulher quer viver o papel de *rapariga*, aqui a disputa é vista como um jogo em que tanto pode-se ganhar como perder. Toda a mulher quer ganhar, mas algumas têm que perder, e as que perdem, para Arlinda, muitas vezes são discriminadas.

Não existe nada pior do que ser mulher solteira, [nesse contexto, *rapariga*] ninguém te dá valor. Fui na casa de Joelma e ela estava a chorar sozinha, toda gente foi para casa da *mulher*, ela, como é *rapariga*, ninguém se preocupou em saber da sua dor, ela foi tratada igual a quem cometeu um crime, eu fiquei com pena mesmo, fiquei a imaginar se fosse eu, como é que ficaria. (Arlinda, 42 anos)

Arlinda contou que foi visitar uma vizinha que vive a mesma situação que ela, voltou triste porque sentiu que a vizinha foi discriminada pela sociedade, pois vivia com um homem casado na mesma localidade que a mulher oficial. O homem faleceu e como ela era sua *kumbóssa*, a mulher oficial do falecido não falava com ela. Cada uma resolveu colocar a sua própria *esteira*¹⁶: Porém, a maior parte das pessoas deu prioridade à mulher oficial, ficando a *rapariga* praticamente sozinha a lamentar a morte do falecido.

Se por um lado as mulheres entram na relação sabendo que o homem já tem outra mulher, por outro lado, elas podem não saber, foi o caso da *kumbóssa* de Arlinda, que quando questionada porque aceitou ficar com Mário, companheiro de Arlinda, respondeu que não sabia que Mário tinha já outra mulher, pois ele não a contou.

Para Arlinda, toda mulher sonha em ter um homem com exclusividade, mas isso raramente acontece, porque *a maioria dos homens não são bons*, isto é, não assumem as suas responsabilidades. Sobre este aspecto, Arlinda também diz que seria injusto uma mulher ficar com um homem exclusivo enquanto as outras ficam sozinhas.

Outro ponto de vista relatado pelas mulheres tem a ver com a *incompetência* da parte da mulher oficial do homem. Arlinda afirma que *homem, quando arranja outra mulher, é porque a primeira não está grande coisa, não está a fazer as coisas direitinho*. “Fazer as coisas direitinho”, no ponto de vista da Arlinda, significa deixar os homens um pouco a vontade, isto é, não pressionar muito, servir as comidas sempre na hora e principalmente não exigir que ele não procure outra mulher -- porque ele pode fazer isso só porque a mulher pediu para não o fazer--, mas também estar bonita para ele, porque se não corre-se o risco de ele ver outra mais bonita.

¹⁶ A esteira faz parte dos ritos fúnebres em Cabo Verde. A expressão indica o tempo disponibilizado pelos familiares de um morto para receberem visitas, normalmente são os primeiros oito dias após a morte de uma pessoa.

De igual maneira que Arlinda aponta falhas no cumprimento de expectativas de género para as mulheres que chegam primeiro na relação, Goldenberg (1990 e 1991), ao estudar mulheres amantes em sectores médios brasileiros, fez uma referência de que a esposa é vista como uma mulher com faltas, desvalorizada, e a principal responsável pela necessidade do marido procurar outra mulher e com isso a culpa não é atribuída ao marido, mas à mulher traída.

As narrativas em campo envolveram desde comentários sobre a correspondência a um ideal estético até o uso dos recursos financeiros destinados para tal. É nesse sentido que a *kumbóssa* de Nelita afirma que ela é mais *fixe*, isto é, mais elegante que a Nelita, porque ela é magra e Nelita é gorda, por sua vez Arlinda critica sua *kumbóssa* por não ter aparência de emigrante pois não está com a “pele fina”, está a usar “cabelo de finado” e veste “roupa fora de moda”. Arlinda acusa sua *kumbóssa* de fazer mais despesas de modo que reste menos dinheiro para Pedro lhe mandar.

Através do exposto, fica visível como os homens são encarados como sendo momentâneos na relação, por outro lado, a construção da masculinidade está essencialmente ligada à sexualidade e não à paternidade e ao casamento (RODRIGUES, 2007). Para Arlinda, melhor seria que cada mulher nascesse destinada a um homem, assim não seria necessária a disputa entre *kumbóssas*.

2.3 Violência na conjugalidade

A violência entre os conjugues é um fenómeno antigo e ao mesmo tempo actual, é um problema social complexo que envolve não só os conjugues, mas em particular todos os familiares e a sociedade em geral. A violência na conjugalidade está fortemente ligada à questão de poder e aos atributos de género esperados para cada sexo. Segundo Salústio (1999), uma das origens dos conflitos permanentes que surgem dentro do seio familiar em Cabo Verde é a prática corrente da poligamia, que é “mal aceite” pelas mulheres. Assim, enquanto o homem aparece como o sexo forte e dominador, a mulher é tida

como o sexo frágil, dependente e muitas vezes submissa perante várias situações do quotidiano.

Quanto aos desequilíbrios de género, no caso particular de Cabo Verde, apesar de na última década observarmos iniciativas do Estado para minimizar esse desequilíbrio, as desigualdades entre os sexos continua ainda expressiva e ela se encontra directamente ligada a questão de violência. Segundo Silva (2011), os factores socioeconómicos e culturais e a concepção estereotipada do papel da mulher e do homem na sociedade cabo-verdiana fazem permanecer tais desigualdades e, por conseguinte, todas as formas de expressão da violência com base no género. Esta autora menciona um ditado popular que expressa o desequilíbrio de género nas relações conjugais: “Mudjer casada tem ki tá inguli tudo que é peixe pelo rabo”¹⁷ (SILVA, 2011, p. 07).

Durante a minha abordagem no campo, tive a oportunidade de ouvir depoimentos de mulheres que são ou já foram vítimas da violência na vida conjugal, causadas por práticas sociais e culturais que colocam a mulher numa situação de submissão em relação ao seu marido ou companheiro. Esse papel de dominador atribuído ao homem na relação, que lhe permite ter mais de uma mulher, está na origem da disputa entre essas mulheres *kumbóssas* que estão obrigadas a aceitar tal situação ou então sofrer as consequências, foi o que aconteceu com a Joana:

Fomos à festa de São Salvador do Mundo¹⁸. Quando voltamos, meu marido correu atrás de mim com uma pistola na mão, porque, enquanto estávamos na festa ele tinha *rapariga* lá, quando vi que ele queria dar voltas com a *rapariga* fui embora para casa e deixei ele com ela. Quando ele chegou em casa quase me matou de porrada, isso porque ele achou que eu deveria ter ficado na festa e esperado ele terminar de dar a volta com a sua *rapariga*

¹⁷ Mulher casada tem que engolir tudo que é peixe pelo rabo, isto é, deve aceitar tudo que o marido faz.

¹⁸ Festa popular no concelho do mesmo. É festejado todos os anos pelos católicos, duas semanas depois da festa da pascoa.

para depois voltarmos juntos para casa. Como não aceitei, ele me bateu. (Joana, 52 anos)

Esse depoimento explicita os limites da autoridade masculina. Segundo Silva (2011, p.6), a violência aparece como reflexo de imperativos culturais e tradicionais enraizadas na sociedade que tem como principal impulsionador os discursos religiosos que, ao longo do tempo, veiculou ideias da dependência e da inferioridade da mulher em relação aos homens e que está muito presente no imaginário social das mulheres cabo-verdianas, sobretudo no casamento. Pelo facto de ser casada, a mulher sente a obrigação de obedecer ao seu marido:

Ele batia em mim porque ele queria que eu tratasse com as *raparigas* (...). Já que ele decidiu arranjar *rapariga* eu não fico contente, mas fico confortada no meu lugar porque casamento é a mim que ele deu. (Joana, 52 anos)

Fica patente aqui a submissão por que passa Joana, que mesmo não gostando que seu marido arranje outra mulher, aceita a situação por ser casada, para além de não poder exigir a fidelidade do seu marido ela tem um compromisso perante Deus, que, segundo ela, é para toda vida. Por outro lado, as mulheres aprendem que devem ficar no lugar que lhes é atribuído social e culturalmente.

Já aconteceu do meu marido ir à casa da *rapariga* e quando voltou, quando coloquei a comida na mesa, ele apanhou a tigela com comida atirou na parede e estragou tudo (...). Meu marido, quando emigrado, quando vinha de férias as vezes ficava três dias sem chegar em casa, passava esse tempo todo na casa das *raparigas*. (Joana, 52 anos)

Estas falas expõem as tensões e diferentes situações de violência vivenciadas, conforme Gomes (2011) no contexto da poligamia. Entretanto, para Izumino (2004), o poder é compreendido não de forma estática e absoluta, sendo sempre privilégio dos homens, mas de modo dinâmico e relacional, exercido tanto por homens como por mulheres, ainda que de forma desigual, acrescenta ainda que nenhum homem ou mulher sofre passivamente as determinações

históricas, pois há sempre possibilidades de reacções. Neste sentido, a autoridade do homem na relação, embora expressiva, não é total e absoluta, a mulher tem uma postura activa em determinadas circunstâncias, é o caso da Arlinda (comerciante) que reclamou quando uma senhora foi comprar calcinhas acompanhada do suposto marido, depois dela escolher as calcinhas que ela quer o companheiro foi conferir e obrigou a senhora a trocar por calcinhas mais “decentes” porque ele não gosta que sua mulher vista aquele tipo de calcinha, depois de presenciar esta cena Arlinda contesta:

Cada um com a sua dor, que homem escolhe calcinha que devo usar? (...) Não, ele me dá dinheiro e eu vou comprar sozinha, *kadera* é minha portanto eu é que sei que calcinha que eu visto. (Arlinda, 42 anos)

Se por um lado Arlinda contesta essa atitude do homem, pois ela não aceitaria de forma alguma tal situação, por outro lado, a mulher que foi obrigada a obedecer o marido, chegaríamos a conclusão que nem todas as mulheres são activas como Arlinda e que a autoridade masculina é maior ou menor dependendo da forma como é imposta ou da maneira como é aceite, muitas mulheres não reconhecem os seus direitos o que aumenta ainda mais a autoridade masculina e dá ao homem inclusive a autoridade sobre os desejos e o próprio corpo da mulher. Para Silva (2011), o poder aparece como mediador das relações que se estabelecem entre os casais e na base da relação de dominação masculina está a cultura machista, fundamentada numa lógica de submissão da mulher.

Uma outra questão pertinente que poderá estar na base da submissão das mulheres, neste caso mulheres *kumbóssas*, é a ameaça constante de perderem o lugar na relação ou mesmo do homem lhes deixar para ficar com outra mulher, nalguns casos esse temor existe por causa da dependência financeira da mulher em relação ao homem.

Joana, mesmo depois de sofrer por inúmeras vezes agressões do seu marido e do marido ter desistido dela para viver com uma outra mulher, de forma alguma

ela pensa em assinar o divórcio que o marido pede, porque teme de algum dia ficar sem alguém que lhe sustente, porque os filhos lhe ajudam mas quem deve se responsabilizar por ela é o marido, por isso se o marido morrer primeiro ela é que por direito deve ficar com a reforma.

A violência entre os conjugues também pode ser usada para impor “autoridade” ou “respeito” na relação, está expresso neste caso que Arlinda me contou:

Júlia e Das Dores são duas *kumbóssas* e o companheiro de ambas é o Manuel. Ele é pai dos primeiros filhos de Júlia, mas antes dela já vivia e tinha uma filha com Das Dores. Mesmo depois do nascimento da filha de Das Dores, ela ficou a morar na casa da sua mãe e Manuel na casa da mãe dele. Todos os dias iam trabalhar e voltavam juntos, “as tantas” ele arranjou Júlia, quando isso aconteceu ele ficou a passear e andar somente com a Júlia. Das Dores quase não recebia mais atenção, mas quando ela soube que ele tinha arranjado Júlia, a procurou para conversarem, mas Júlia sempre fugia com medo. Um dia, quando Júlia voltava da cidade acompanhada pelo Manuel, Das Dores encontrou os dois e *bota Júlia mo*¹⁹ (Arlinda, 42 anos).

Através deste trecho podemos ver que a mulher, além de sofrer agressões do companheiro, perdeu lugar na relação. A submissão da mulher neste caso é consequência dos estereótipos da cultura local que diz que o homem está predestinado a múltiplos relacionamentos. Essa ideia vai ao encontro da análise de Paim (1998) quando referiu a “natureza mulherenga do homem” em que o homem não é responsabilizado pela infidelidade pois essa característica faz parte de sua natureza.

Nesse contexto, a mulher perante essa situação parece ficar sem alternativa, se ela resistir à autoridade do homem e a sua *kumbóssa* não, ela é quem perde lugar na relação. Foi o que aconteceu com Nelita, o companheiro apanhou DVD que era dele e Nelita e levou para casa de outra mulher, quando Nelita soube do sucedido pediu satisfação e o companheiro ficou três dias sem ir a casa de Nelita.

¹⁹ Brigou com ela.

Teve três dias sem chegar em casa, no quarto dia quando chegou eu disse: “apanha tudo que é seu e vai atrás do DVD, porque já sei com quem está o DVD, esse DVD aqui não entra mais”, então ele respondeu que se eu não quisesse ele sairia mesmo, então eu disse: “já sabes onde está DVD e me enganas que emprestaste ao seu amigo?” (Nelita, 28 anos)

Neste caso, o companheiro de Nelita apresentou outra alternativa caso ela não aceitasse tal situação, que iria ficar na casa da outra mulher. Assim, para justificar o exercício da violência contra as mulheres recorre-se à legitimação social do poder masculino, como também ao argumento da necessidade que o homem sente de se afirmar como o sexo forte, o sexo poderoso (SILVA, 2011, p. 2).

2.4 Cúmplices e rivais das *kumbóssas* perante a relação conjugal

De acordo com os dados já mencionados anteriormente, os conflitos na relação conjugal, quando esta diz respeito a um homem com várias mulheres em simultâneo, são uma constante na realidade cabo-verdiana. Se por um lado as confusões, brigas e trocas de acusações são muito comuns, por outro lado, a relação conjugal, nestes casos, é marcada por uma certa rede de solidariedade dos vizinhos e, principalmente, por um forte apoio dos familiares mais próximos, quer das mulheres, que podem receber amparo no caso de brigas, quer da parte dos familiares dos homens, que dão uma certa cobertura para o homem manter várias relações simultâneas.

No decorrer da pesquisa, situações como as acima referidas foram por várias vezes descritas pelas mulheres. Numa das minhas visitas à casa de Arlinda, enquanto conversávamos numa cozinha improvisada próxima à estrada, passou uma ex--cunhada dela que parou e cumprimentou-a depois perguntou pelos sobrinhos, logo que ela foi embora Arlinda fez um gesto facial de desdém, em crioulo chamado de *bioco*. Noutra ocasião é que fui entender o

gesto, quando ela contava da relação com os familiares do seu ex-companheiro Mário. Quando ele arranhou outra *mãe de filha*, ela contou que sua *kumbóssa* ia à casa dos familiares dele e que estes cuidavam da filha dela e davam toda a atenção, por causa disso, Arlinda se sentia menos privilegiada. Mesmo sendo a primeira na relação, reclama nunca ter tido atenção por parte dos familiares de Mário, nem mesmo quando ela ficou grávida da primeira filha. Nesta ocasião, ressentiu-se de quando foi falar com a mãe de Mário e esta disse que não poderia recebê-la, pois este era um assunto que Arlinda e Mário deveriam encontrar solução, sem a sua ajuda. Por estes motivos, da parte da Arlinda ficou uma mágoa dos familiares do ex-companheiro; conta que as cunhadas a tratavam um pouco melhor, mas não o suficiente para serem *amigas de verdade*, daí que ela afirmou: *cumprimento-as no dente mas não no coração, porque elas não são minhas amigas, não me trataram bem.*

No contexto actual da vida de Arlinda, em que ela vive como *rapariga* de um homem casado, ela diz não ter muitas queixas dos familiares dele, apesar de uma vez ou outra dirigir alguma crítica. Segundo Arlinda, os familiares do actual companheiro (Pedro) aparentemente tratam-na bem, alguns tios da sua filha sempre que vêm de férias para Cabo Verde trazem algum presente e também trazem encomendas que o companheiro manda para ela às escondidas da sua mulher oficial. Esse gesto demonstra uma certa solidariedade entre os consanguíneos, neste caso os irmãos de Pedro o ajudam a manter uma relação fora do casamento, trazendo encomendas para outra mulher em Cabo Verde às escondidas da esposa oficial, que vive na Europa.

Na mesma linha de ideia, apresento um outro caso narrado por Arlinda sobre um conhecido seu que tinha várias mulheres, uma dessas mulheres vivia com ele na casa da mãe dele, como ela já sabia de existência das outras várias mulheres, esse homem algumas vezes levava outras mulheres para a casa da irmã, que morava na casa em frente. Outra vez aparece o apoio de um consanguíneo para o homem conseguir conciliar mais de uma relação consecutiva. Neste caso, a irmã empresta sua casa para acobertar o encontro do irmão com outra mulher.

Segundo Fonseca (2000), os laços consanguíneos podem ser mais valorizados que os laços entre os afins em contextos onde prevalece a matrifocalidade, pois os laços consanguíneos são compreendidos como os únicos que permanecem ao longo do tempo, os laços entre afins pode num momento ou noutro serem muito importantes, mas no entanto são mais frágeis. Nesse estudo, os laços consanguíneos foram várias vezes indicados como sendo muito importantes no meio social. Um pai, mesmo que não ajude financeiramente nem faça parte do dia dos seus filhos, sendo os filhos *sangue do seu sangue*, tem deveres para com o pai. Numa conversa com a Arlinda ela contou que o pai dos seus quatro primeiro filhos não contribui em nada para o sustento destes, mas ela aconselha os filhos a o cumprimentarem, pois querendo ou não é ele que é o pai. Quando este esteve hospitalizado, mesmo não gostando, aceitou que a filha mais velha o visitasse, pois *sangui ka ta laba*²⁰.

Para Fonseca (2000), a oposição entre consanguíneos e afins é um debate clássico da antropologia iniciado por Radcliffe Brown (1965) ao interpretar a relação jocosa entre, por exemplo, um homem e sua sogra, como solução culturalmente indicada para atenuar as tensões inerentes a uma relação estruturalmente conflituada.

No contexto desta pesquisa, a rivalidade foi notável entre a mulher e os familiares do seu companheiro ou marido. Nanda contou que nunca apoiou a relação do seu irmão com a sua cunhada porque a cunhada, antes de viver com seu irmão, era *mulher de vida*²¹, e acrescenta ainda que sua cunhada passa tempo a fazer fofoca na casa dos vizinhos, deixando os cuidados de casa para trás. Quando Nanda soube que seu irmão tinha arranjado outra mulher ficou feliz e até o elogiou, porque finalmente ele conseguiu *uma mulher de verdade*.

²⁰ Sangue não se lava.

²¹ Mulher com comportamento considerado desviante segundo os valores de género presentes neste meio social.

Através da história de Nelita também ficou evidente como o apoio dos consanguíneos é importante nos momentos mais conflituosos do relacionamento conjugal. Quando Nelita brigou com sua *kumbóssa* e foi parar no comando da polícia, foi seu irmão que enviou dinheiro do estrangeiro para pagar a multa e o advogado para que ela não ficasse presa. No tribunal, foi sua prima que a ajudou a procurar o melhor advogado e ainda convenceu o juiz de que ela não tinha nenhuma condição para pagar o valor da multa. Em outra circunstância, quando Nelita brigou com o próprio companheiro e voltou a morar na casa da mãe, juntamente com seus irmãos, estes proibiram Nelson, seu companheiro, de ver o filho sob a ameaça de *levar pancada* caso ele tentasse uma aproximação.

Aqui, assim como fez referência Fonseca (2000), da mesma forma que a mulher pode colocar o irmão frequentemente acima do marido, o homem não esconde que o apoio do consanguíneo tem muitas vezes mais peso do que o da mulher. Nesse caso particular, Nelita coloca a autoridade do seu irmão acima da do companheiro Nelson, que ficou algum tempo sem poder ver o filho.

Se por um lado os homens contam com o apoio do irmão, da irmã ou em alguns casos dos familiares em geral, para auxiliar na administração do relacionamento com várias mulheres, as mulheres, por sua vez, contam mais com a ajuda dos irmãos para auxiliarem em situações de algum tipo de violência.

Desta forma, pode se ver que o apoio dos consanguíneos contra os afins é bastante expressivo na relação de um homem com várias mulheres. Enquanto consanguíneas, as mulheres aceitavam mais facilmente a relação do homem com várias mulheres do que enquanto afins. É o caso de Nanda, que não aprova o facto do pai dos seus filhos ter várias outras *mães de filhos*, mas ficou contente quando soube que seu irmão tinha arranjado mais uma mulher, situação também constatada por Paim (1998).

Entretanto, as afinidades e rivalidades na relação, para além de serem demonstradas por consanguíneos e afins, também são testemunhadas por pessoas que não têm laços de parentesco. Quando eu conheci Arlinda, ela me contou que vivia com um homem casado, que, por sua vez, vivia com a mulher oficial na Europa, e que quando sua *kumbóssa* soube da sua existência resolveu ir para Cabo Verde para conhecê-la. No período que *kumbóssa* de Arlinda chegou, eu estava a realizar trabalho de campo, sendo assim, numa das minhas visitas ao local em que Arlinda vende, sua *kumbóssa* nos avistou juntas. Noutro dia, numa loja da cidade, encontrei com a *kumbóssa* de Arlinda acompanhada do seu marido, quando ela me viu a cumprimentar seu marido, ela se aproximou e me empurrou e derrubei um conjunto de objectos que estavam na estante da loja, fazendo uma grande confusão, isso tudo porque eu, como conhecida de Arlinda, sua *kumbóssa*, também era percebida como sua rival. Por outro lado, a Arlinda, minha conhecida, através desta situação passou a me ver como sua aliada e a partir daí o meu trabalho de campo que em algum momento era visto com desconfiança, passou a ser mais agradável e mais confiável.

Através dessa situação vivenciada em campo ficou explícita a existência da cumplicidade e rivalidade na relação conjugal quando ela envolve o homem com várias mulheres, sendo mais marcada na relação entre consanguíneos, mas ela também se estende para além dos consanguíneos e afins. Uma mulher que tem *kumbóssa* muitas vezes não tem somente sua *kumbóssa* como rival, mas sogros, cunhados e familiares do companheiro podem constituir rivais fortes para uma mulher, assim como podem constituir verdadeiros aliados, ajudando a tirar sua *kumbóssa* da relação.

CAPÍTULO 3 – REGRAS E HIERARQUIAS NAS CONJUGALIDADES

Quando um homem se relaciona com mais de uma mulher, a ordem de chegada das mulheres na relação por si só já dá direitos, privilégios, assim como deveres a serem cumpridos pelas mulheres. As que chegam primeiro na relação se sentem no direito de *pedir satisfação* às seguintes e, por sua vez, as que chegaram depois na relação tanto podem optar por dar uma boa satisfação, que significa respeito pela sua *kumbóssa* e pela ordem da chegada, ou *declarar guerra* com primeira. Este capítulo irá abordar as regras e hierarquias presentes nestas relações e as tensões daí advindas.

3.1 Cada um no seu lugar

Arlinda relatou que quando começou a desconfiar que Mário, seu companheiro e pai dos seus quatro primeiros filhos, tinha arranjado outra namorada procurou saber pelo companheiro, mas este negou, quando teve certeza de que era verdade, apesar de estar grávida, ela foi pedir satisfação à sua *kumbóssa* para confirmar se era verdade ou não. A *kumbóssa*, respeitando a ordem de chegada na relação, confirmou o facto para Arlinda e ainda justificou que não sabia que Mário já tinha outra *mãe de filha* antes, dela pois ele não a contou.

Desta forma, Filó, *kumbóssa* de Arlinda, demonstrou respeito por ela e justificou que foi vítima de Mário, e ainda assumiu que não tinha razão, no entanto, Arlinda, sendo a primeira, sentiu-se no direito de pedir a sua *kumbóssa* para sair da relação, mas esta afirmou que era tarde, pois estava grávida. Ainda assim, Arlinda tentou negociar com a sua *kumbóssa* para deixar a relação depois de ter o filho. Filó, sua *kumbóssa*, prometeu pensar no caso depois do filho nascer, mas não confirmou que iria sair da relação. Como Filó assumiu a culpa, ela e Arlinda até ficaram a se cumprimentarem por algum tempo, conforme contou Arlinda.

O contrário pode acontecer quando a mulher que chega depois na relação opta por dar má satisfação à primeira e não respeitar a ordem de chegada, desafiando a primeira como concorrentes iguais. Foi o que aconteceu com Nelita que ficou a saber pelo próprio companheiro da existência de uma das suas *kumbóssas*, quando este lhe comunicou: *hoje arranjei outra namorada, mas não gosto dela mais do que de ti, não.*

Nelita afirmou que ao ouvir isso do companheiro nem ligou, pois pensou que fosse brincadeira – *eu nem liguei, pensei que era mentira*, no entanto, com o tempo teve a confirmação por parte das amigas de que era verdade e ela então foi cumprir seu direito pedindo esclarecimento a sua *kumbóssa* sobre tal facto. Esta, por sua vez, desafiou Nelita dizendo que esta não tinha nada a ver com isso, e questionou o facto de Nelita buscar satisfação. Sú, *kumbóssa* de Nelita, ainda proferiu que Nelita não era melhor do que ela. Neste caso, a *kumbóssa* de Nelita, mesmo sem razão por ter chegado depois na relação, declarou disputa e deixou claro que não pretendia deixar o companheiro.

Socialmente a mulher que entra primeiro numa relação com um homem tem uma certa vantagem, ela se sente no direito de preservar o seu lugar, pois está a zelar pela união da sua família, e as que chegarem depois devem se conformar com sua situação, não tentando prejudicar a primeira. Se ambas conseguirem chegar a um acordo, a relação pode acontecer sem grandes constrangimentos, desde que as partes se respeitem, isso apesar de poder haver sempre pequenos conflitos. No caso de desacordo total no cumprimento das regras, a relação torna-se difícil e com constantes conflitos e brigas. É de ressaltar aqui que essas regras se estendem tanto para as mulheres *kumbóssas* como também para os homens quando têm várias mulheres.

Em Cabo Verde, apesar da sociedade ser considerada monogâmica, no qual o homem deve ter uma única mulher, na prática isso raramente acontece, pois é comum encontrar um homem com várias mulheres ao mesmo tempo, esse facto foi denominado por Gomes (2011) e Carreira (1984) de poligamia informal. Contudo, perante esse estudo, a existência da poligamia não pareceu ser tão informal quanto a apresentada na bibliografia (GOMES, 2011;

CARREIRA, 1984), pois a relação é reconhecida socialmente e muitas vezes pelas próprias autoridades, que ao serem solicitadas aquando de conflitos em função do não cumprimento das regras existentes nesse tipo de relacionamento, reforçam o seu cumprimento determinando que *cada um deve ocupar o seu lugar* na relação, existindo punições para quem deixar de cumprir tais regras. Essas regras servem para controlar a vivência nesse tipo de relacionamento, dando direitos e privilégios assim como deveres e obrigações para as pessoas em questão, nesse caso ao homem e às mulheres.

Neste sentido, Arlinda conta que ao brigar com sua *kumbóssa* por esta ter falado mal dela com outras pessoas e estar sempre a persegui-la, foram parar no posto policial. Chegando lá, o policial lhes disse que não deveriam brigar mais, que cada um deveria ficar no seu lugar, tirando a *kumbóssa* da Arlinda a razão por esta estar a persegui-la.

Na mesma óptica, Arlinda também falou do caso de uma ex-cunhada que tinha *kumbóssa* e que sua *kumbóssa* não a respeitou e que o companheiro de ambas teve que tomar parte na briga e terminar a relação com a mulher que não estava a respeitar as ordens na relação que ele impôs. Nelita também contou que *quase matou* sua *kumbóssa* porque ela estava a conversar com o companheiro e sua *kumbóssa* apareceu e foi falar com ele na sua frente. Noutra ocasião sua *kumbóssa* telefonou-lhe para dizer palavras obscenas e provocar-lhe.

Entretanto, as mulheres que vivem a situação ser e ter *kumbóssa*, para além de acusarem suas *kumbóssas* de provocarem a briga, elas acusam os próprios companheiros de não saberem usar a sua autoridade para fazer cumprir as regras existentes, isto é, colocar *cada uma no seu lugar*. Arlinda acusa seu actual companheiro Pedro de não saber *governar* e de não pôr limite na sua mulher, porque ela lhe colocou para fora de casa quando soube que ele tinha arranjado outra *mãe de filho*. Isso para Arlinda é grave, pois significa que ela é que manda nele. Joana, por sua vez, também faz forte crítica ao seu marido, porque ele, para além de não determinar cada mulher no seu lugar, lhe tira a razão quando ela briga com sua *kumbóssa*:

Eu e o meu marido não nos dávamos bem porque eu não tratava com as suas raparigas, por causa disso muitos dos familiares dele me acusavam de ser kabali²² porque eu é que provocava as outras mulheres. Mas eu brigava porque ele não sabia governar suas raparigas, já porque ele arranjou rapariga eu não fico contente, mas fico confortada no meu lugar porque casamento é a mim que ele deu, mas ele não me dá atenção, não come na minha casa, e nem pára em casa, ele coloca as raparigas a minha frente. (Joana, 52 anos)

Nelson, companheiro de Nelita, teve que responder a uma queixa no comando policial, pela acusação do próprio policial de que ele não sabia impor limites nas suas mulheres, por não colocar cada uma no seu lugar e responsabiliza-o por qualquer acontecimento grave que viesse a acontecer caso ele não tomasse medidas.

Polícia então fez queixa contra Nelson, para ele responder, porque desta forma ele é que está a causar a morte [...]. Porque desde que ele tem mulher daquela forma, ele deve regulá-las e controlá-las para não passem dos limites. (Nelita, 28 anos)

Por outro lado, Nanda, uma das mães de filha de João, destaca a competência do companheiro que, apesar de ter várias mulheres, sempre soube impor o respeito entre todas elas, por isso nunca nenhuma delas brigou e até algumas eram amigas. Mesmo depois da morte de João, as *kumbóssas* se relacionaram nalgumas situações.

3.1.1 Na morte

A morte em Cabo Verde é conhecida pelos seus rituais, conforme Lopes Filho (1995), “a morte é um fenómeno social cuja presença representa algo que contamina o espaço, as figuras, e os desejos pelo que corresponde a um

²² Pessoa má.

momento de marginalidade ou liminaridade e quase que uma ameaça para o grupo social onde acontece” (LOPES FILHO, 1995, p.62). No trabalho de campo, a situação de morte e seus rituais foi um momento privilegiado para identificar as regras sociais em torno das conjugalidades envolvendo *kumbóssas*.

Durante minha pesquisa de campo, pude acompanhar de perto o relacionamento entre *kumbóssas* perante a situação da morte de dois entes queridos, mais precisamente a morte de uma filha e de um filho de Seu João, um senhor de Santa Catarina que veio a falecer em 2010, aos 67 anos de idade, ele teve vinte e dois filhos distribuídos por sete mulheres.

*Mulheres de Seu João, segundo o número de filhos*²³:

| João | | | | | | |
|----------|----------|----------|----------|--------|--------|---------|
| M1 | M2 | M3 | M4 | M5 | M6 | M7 |
| 6 Filhos | 6 Filhos | 5 Filhos | 2 Filhos | 1Filho | 1Filho | 1 Filho |

Hélio, filho de João com uma das mulheres já falecida, morreu em finais de Março de 2012, em Santa Catarina. Ao saberem do que tinha sucedido, reuniram na casa do falecido todos os amigos e conhecidos e também três mulheres *kumbóssas*, mães dos restantes filhos do João, e com elas todos os filhos de João ali choraram e lamentaram a perda de Hélio. A mulher “oficial” do João, neste caso aquela com quem compartilhava a mesma casa, que denomino aqui como *kumbóssa* (1)²⁴ chegou a casa do falecido a chorar.

*Ô Hélio oi, ô Hélio oi, ô paxenxa
ô bu ka dura trás de bu pai,
ô dja bu frontano,
ô João, pamodi bu ka tadja!*

*Ô Hélio, ô Hélio, ô paciência,
oh não demoraste atrás do seu pai
oh já afrontaste-nos,
Oh João, porque não impediste!*

²³ Nesse quadro as mulheres foram ordenadas de forma decrescente em termos de número de filhos e não pela posição que ocupavam na relação.

²⁴ As *kumbóssas* aqui foram numeradas conforme o lugar ocupado na relação, a *kumbóssa* (1) neste caso é aquela que convivia no mesmo espaço físico com o companheiro João, tiveram seis juntos.

E assim continuou à medida que as pessoas chegavam a casa. Algum tempo mais tarde chegou uma outra *kumbóssa* (2)²⁵ que igual a *kumbóssa* um (1) chegou a chorar em voz alta:

| | |
|---|--|
| <i>Ô dja bu frontano , ô dja bu frontano,</i> | <i>Oh nos afrontou, Oh já nos afrontou</i> |
| <i>ô há ta seta, ô nas fiam me ka si!,</i> | <i>Oh não aceito, digam-me que não é</i> |
| | <i>verdade!</i> |
| <i>oi nha mãe, ô Hélio!</i> | <i>Oi, minha mãe, oh Hélio</i> |

Quando chegou na rua da casa do falecido encontrou a *kumbóssa* (1) a chorar e com um pano na mão a acenar, ambas se abraçaram e entraram dentro de casa aumentando o volume do choro por alguns minutos. Mais tarde, chega a *kumbóssa* (3)²⁶ que chora também em voz alta dizendo várias coisas. Ela abraçou a *kumbóssa* (2) e choraram na frente da casa, a seguir entrou na casa e encontrou a *kumbóssa* (1) sentada num dos cantos da casa, se abraçaram e choram, a *kumbóssa* (1) apanhou a foto do falecido que estava em cima de uma mesa e segurou na mão e continuaram a chorar. A *Kumbóssa* (3) chorou:

*Hélio oi, Hélio oi,
mundo é triste oi,
ui dá João mantatenha.*

*Hélio oi, Hélio oi,
mundo é triste oi,
Ui, dê cumprimentos a João.*

O *txoro*, como se diz em crioulo para referir o choro na morte, no interior de Santiago, principalmente no meio rural, é um ritual presente em todas as mortes, ele envolve essencialmente as mulheres, representa a forma de expressar a dor ou a mágoa, porquanto do falecimento de uma pessoa (CORREIA, 2009; MENDES, 2001, 2003).

²⁵ A *kumbossa* (2) teve 5 filhos com João, não vivia diariamente com o companheiro, mas recebia visitas permanentes deste.

²⁶ A *kumbossa* (3) teve dois filhos com João, mora numa localidade próxima a que João habitava, é a mais nova em termos de idade em relação às outras *kumbossas* e foi ela quem entrou por último na relação, foi a única entre as quatro que conversou comigo sobre a vivência delas enquanto *kumbossas*.

Os irmãos do falecido, todos reunidos, cada um no seu canto, lamentaram a forma como foi a perda do falecido, porém enquanto as irmãs choravam de voz alta e com gritos, os irmãos tinham um comportamento diferente, uns com as mãos nos bolsos passeavam na rua e entravam e saíam de dentro de casa. Sobre este particular, Correia (2009) fez referência a diferentes expectativas de género no choro, este é predominantemente de carácter feminino, por ser a mulher considerada mais frágil e por não saberem conter as mágoas, os homens considera-se como mais corajosos e sabem dominar a dor.

Enquanto uns choravam, um dos irmãos contou que foi uma morte repentina, pois Hélio não tinha nada aparentemente, ele só tinha se queixado no dia anterior que tinha dores de cabeça, mas nada que chamasse a atenção. No dia do funeral, todos os irmãos, primos e familiares em geral, inclusive as *kumbóssas*, se prepararam para o funeral e todos estavam vestidos a rigor (de preto) para acompanhar o falecido até a sua última morada. Quatro das mulheres de João foram também para o funeral. A *kumbóssa* (1) não foi para o funeral, pois segundo diz a tradição, mãe não pode ir a funeral do filho nem pode ir ao cemitério antes de completar seis meses, ela, apesar de não ser mãe do falecido ficou como se fosse, pois a mãe do falecido também já tinha falecido à algum tempo, e a *kumbóssa* (1) como mulher melhor posicionada na relação, representou a mãe do falecido.

No cemitério, enquanto todos choravam a perda do falecido, a *kumbóssa* (3) saiu do lugar onde estava e foi para cova do companheiro João, pai de Hélio e de seus filhos também, levou na mão um recipiente com água e lá sentou ao pé da cova a chorar.

*Ui ,ui,ui,ui ,ô mundu ,ô mundu ,
ô nha mai ,ô João de mundu ,
ô Hélio ka dexe dor fria,
ô ma bu ta pidiba ,
ui,ui,ô nobu ô,nobu...*

*Ui,ui,ui,ui, ô mundo, ô mundo
ô minha mãe ,ô João de mundo
ô Hélio não deixou esfriar a dor
ô devias pedir,
ui,ui,ô novo,ô novo...*

A *kumbóssa* (2) também se dirigiu até lá e juntas, cada uma num extremo da cova, choraram:

| | |
|---|---|
| <i>Ô nha João, ô nha João ,</i> | <i>Oh meu João, ô meu João</i> |
| <i>oi dja bu dexanu ,</i> | <i>oi já nos deixou</i> |
| <i>oi mundu,oi nha meninus sem pai,</i> | <i>oi mundo,oi meus meninos sem pai</i> |
| <i>ô mundu é duédu...</i> | <i>ô mundo é de dor...</i> |

A *kumbóssa* (4)²⁷ permaneceu a chorar a frente do caixão do falecido.

| | |
|---------------------------------------|-------------------------------------|
| <i>O hélió oi, ô hélió oi,</i> | <i>Ô hélió, ô Hélió oi</i> |
| <i>modi ki nu ta fika sem bo ,</i> | <i>como é que ficamos sem ti</i> |
| <i>ô hélió amigo de tudu alguém ,</i> | <i>ô Hélió amigo de toda gente,</i> |
| <i>oi bu panhanu de surpresa oi.</i> | <i>oi nos pegou de surpresa oi.</i> |

Correia (2009), no seu estudo sobre choro em Santa Catarina, fez referência à existência de homens com mais de uma mulher em que no momento do funeral as mulheres choram como uma forma de concorrência, competição na qual inclusive os lamentos podem ultrapassar a dimensão do sentimento para ganhar um outro contorno, o da exibição. Através deste comportamento, as mulheres visam o reconhecimento local e dos familiares do morto.

No dia seguinte, todos os familiares reunidos, entre *kumbóssas* e filhos, receberam visitas, pois à medida que as pessoas ficavam sabendo do acontecido iam prestar solidariedade e lamentar a perda. Todos os familiares mais próximos se reuniram para combinarem sobre despesas²⁸ e como cada um poderia contribuir, a *kumbóssa* (1) levou alguns utensílios como: *bindi*²⁹, panelas, pratos, balaios, cortinas, a *Kumbóssa* (2) levou um porco, a *Kumbóssa* (3), um bode, e a *Kumbóssa* (4) levou milho e feijão. Durante os

²⁷ A *kumbossa* (4) eu conheci no dia do funeral, ela teve apenas 1 filho com o João, apesar de ter entrado na relação antes da *kumbossa* (3), mora também numa localidade próxima à *Kumbossa* (2).

²⁸ A reciprocidade nos casos dos ritos na morte é um tema aprofundado por Mendes (2003).

²⁹ Utencilio utilizado para fazer cuz-cuz, um prato tradicional da Ilha de Santiago apartir da farinha do milho.

primeiros oito dias de *esteira*, a convivência foi pacífica entre os familiares em geral e entre as *kumbóssas* em particular, falavam uma com as outras, ajudaram entre si sem nenhum conflito visível.

É de destacar que a *kumbóssa* (1) durante a *esteira* ocupou sempre o lugar de destaque em relação às outras, pois ela é que dava última palavra antes de fazerem qualquer coisa, também enquanto as outras *kumbóssas* recebiam visitas sentadas na sala, ela ficou no quarto sentada na cama juntamente com a esposa do falecido, conforme acontece nas mortes no interior de Santiago, os familiares mais próximos como mãe e esposa, ficam no quarto para receberem visitas e os demais familiares ficam na sala.

Segundo uma das *kumbóssas*, esse comportamento amigável entre elas nem sempre foi assim, houve um tempo de disputas entre elas até o companheiro definir a posição de cada uma na relação e impor que cada uma ocupasse o seu lugar. Embora para ela duas *kumbóssas* nunca são amigas de verdade, perante algumas situações é possível ter uma boa relação entre elas sem que haja brigas ou discussões. Entretanto, há casos que as *kumbóssas* nem nessa circunstância aceitam a convivência e cada uma prefere receber visitas na sua residência, foi o que abordou Arlinda quando contou de duas *kumbóssas* que viviam na mesma localidade, quando o companheiro de ambas faleceu. Como as duas não se falavam e nem se davam bem, cada mulher resolveu colocar a sua própria *esteira* e neste caso a maioria dos conhecidos priorizou a visita na casa da mulher oficial enquanto a *rapariga* ficou a lamentar a morte praticamente sozinha.

Ainda no contexto da morte, vinte dias após a morte do Hélio, morreu outra filha de João, agora um dos cinco filhos que ele teve com a *kumbóssa* (2), a Antonina. Andira, que estava em tratamento em Portugal não escapou à morte depois de algum tempo doente. Com o acontecimento, todos os familiares que estavam na casa do falecido Hélio mudaram para o centro da cidade, onde a mãe de Andira mora, ficaram na casa de Hélio sua mulher e a *kumbóssa* (1).

Na casa da *kumbóssa* (2), os irmãos da falecida por parte de mãe e pai ficaram a receber visitas na sala, a *kumbóssa* (2) ficou no quarto e os restantes irmãos por parte de pai ficaram na rua a chorar, as *kumbóssas* (1) e (3) também foram prestar solidariedade.

Quando a *kumbóssa* (1) se aproximou da casa da *kumbóssa* (2) a rua estava cheia de pessoas a chorar, ela começou a chorar de dentro de carro, chegou na rua da casa da *kumbóssa* (2), entre muitas pessoas estavam também alguns dos seus filhos e filhos da *kumbóssa* (3), a *kumbóssa* (1) chorou por algum tempo na rua e depois entrou dentro da casa onde estavam sentados os filhos da *kumbóssa* (2), lá chorou por largos minutos abraçada com uma das filhas dela e logo depois se dirigiu ao corredor que dá acesso ao quarto no quintal onde estava a *kumbóssa* (2), mãe da falecida, ao avistarem abraçam-se e choram em voz muito alta:

Kumbóssa (2):

*ô Alice, ô Alice ô,
Alice Andira dja frontam.*

*oh Alice,oh Alice ô
Alice Andira já nos afrontou.*

Kumbóssa (1):

*ô mundu,ô mundu,
ô paxenxa,dja nu fronta
ô Andira mundu é duedu.*

*oh mundo,oh mundo
oh paciência, afrontamos
Oh Andira mundu é de dor.*

E assim continuaram por largos minutos, se abraçaram e choraram, mas sempre no meio do choro faziam pausa para dizer algumas frases. Este tipo de choro foi referido por Correia (2009) como sendo “txoro falado” e “txoro cantado”. Durante a *esteira*, assim continuaram todos os filhos e suas mães a receberem as visitas nos oito dias seguintes e até a missa de mês. Não houve

conflitos, todas as *kumbóssas* e seus filhos contribuíram da sua forma para que não faltasse nada durante a *esteira*.

A morte no interior de Santiago, mais precisamente em Santa Catarina, é marcada por muita solidariedade entre os familiares vizinhos e amigos que fazem isso com o objectivo de ajudar, mas também receberem a mesma solidariedade aquando da morte dos seus familiares. Esse fenómeno foi desenvolvido por Mauss (1974) a partir da noção de dádiva e inspirou estudos sobre Cabo Verde (CORREIA, 2009; MENDES, 2003).

Para Nanda, *kumbóssa* que aceitou conversar sobre o assunto, a convivência na morte tem que existir entre elas porque querendo ou não, os seus filhos são irmãos e nas palavras dela *sangui ka ta laba*, aqui a solidariedade entre irmãos tem que existir independentemente das vontades das *kumbóssas*, os laços consanguíneos falam mais alto.

No mesmo contexto, no seu estudo das camadas populares brasileiras, Fonseca (2000) ressalta a importância simbólica do sangue e sua interacção com o princípio conjugal na organização doméstica, fez referência à vila São João em que os laços consanguíneos são privilegiados porque são os únicos que permanecem. Nesta óptica, a mesma autora num outro estudo sobre a circulação de crianças e adopção no Brasil, fez referência de que o laço entre o indivíduo que ela estudou e o seu consanguíneo não depende de um acto voluntário, *ele existe como um dado independente das contingências*, o laço biológico ainda permite que as pessoas aparentemente estranhas se tornem subitamente íntimas (FONSECA, 2006, p. 22). No contexto cabo-verdiano, segundo as *kumbóssas*, a morte acontece uma só vez e por causa disso todas as mágoas devem ser ultrapassadas.

3.2 As disputas

Como já referido, a luta por uma relação conjugal estável é um desafio quotidiano, no caso particular das mulheres que vivem a situação de *kumbóssa* a disputa parece ser mais evidente, pois o dia a dia delas é marcado por várias formas de luta com o objectivo de conseguir um homem com exclusividade, de conseguir melhor posição na relação, de ser reconhecido socialmente como a principal e principalmente receber reconhecimento da parte do homem.

Essas disputas constantes de *kumbóssas* passam pela troca de acusações, calúnias assim como discussões, ameaças e brigas. No decorrer dessa pesquisa, várias acusações, discussões e ameaças foram constatadas entre as mulheres que vivenciam a situação de ser e ter *kumbóssas*, que destacaram as suas qualidades e minimizaram as qualidades das suas *kumbóssas* buscando, desta forma, distanciar a concorrente da relação.

Arlinda diz que sua *kumbóssa*, mesmo a viver na Europa, não se apresenta melhor que ela, que viveu todo tempo em Cabo Verde, pois veste roupas fora de moda, noutra circunstância ela acusa sua *kumbóssa* de ter feito *oronia* ou *korda*³⁰ para que Pedro, companheiro de ambas, ficasse somente com ela. Da mesma forma, a *kumbóssa* de Arlinda, quando soube que ela estava se relacionando com o seu marido e até já tiveram uma filha, telefonou fazendo varias ameaças e acusando Arlinda de querer destruir a sua família.

A *Korda* foi referida pelas *kumbóssas* como um reforço nas situações de disputas entre elas. Arlinda contou que sua amiga teve que recorrer a esse meio para poder conseguir ficar com o homem sozinha, e garantiu que funcionou, pois o homem que antes tinha várias mulheres deixou todas as outras e ficou somente com sua amiga. Assim, Arlinda, quando começou a se relacionar com o Pedro, não demorou a recorrer a uma senhora de São Jorge

³⁰ Esse termo é usado no meio popular santa-catarinense para designar “mal-feito/ofícios” que as pessoas usam para prejudicar a outra numa determinada situação com o objectivo de prejudicá-la.

para fazer remédio, pois caso a sua *kumbóssa* tentasse fazer algum mal contra ela, ela estaria protegida.

A *Korda* neste caso foi utilizado para dois efeitos, no primeiro caso para que o homem deixasse as outras mulheres e noutra caso contra a *kumbóssa* para que esta saia da relação. Assim sendo, Joana me contou das precauções que ela toma para que sua *kumbóssa* não encontre meios de a prejudicar.

Eu nunca gostei que os filhos das minhas *kumbóssas* viessem à minha casa porque muitas *kumbóssas* já morreram nesta brincadeira, elas mandam os filhos para sua casa, tu pensas que é por bem, mas mandam os filhos pegar qualquer coisa dentro da sua casa para te matar através de *korda*. Eu conheço vários casos assim, é por isso que não deixo os meus filhos irem à casa das minhas *kumbóssas* e nem aceito que os filhos das minhas *kumbóssas* venham à minha casa. (Joana, 52 anos)

Além do recurso à *korda*, vários conflitos foram narrados nas relações entre *kumbóssas*, evidenciando a disputa existente nestas relações para a estabilidade na relação conjugal, como veremos a seguir.

3.2.1 *Omi algum, mudjer nenhum!*³¹

Enquanto para o homem conseguir manter vários relacionamentos em simultâneo lhe dá maior prestígio entre os colegas e entre as próprias mulheres, também é uma das formas de provar a sua masculinidade. Para as mulheres, ser e ter *kumbóssas* significa estar preparada para demonstrar sua valentia sempre que necessário, mas também para impor respeito à sua adversária.

No decorrer da minha pesquisa no campo depoimentos sobre como as mulheres enfrentaram e enfrentam suas *kumbóssas* não faltaram, todas elas

³¹ Este subtítulo está inspirado no texto “A mulher valente”, da antropóloga brasileira Claudia Fonseca (2000), sobre mulheres de camadas populares na localidade em estudo e a agência feminina em situações de suspeita de infidelidade conjugal.

fizeram questão de me contar com detalhes como foi a briga com suas adversárias.

Arlinda que actualmente vive com um homem casado, anteriormente viveu com o pai dos seus primeiros quatro filhos, que sempre teve várias mulheres. Segundo ela contou, depois de várias confusões e de fofocas entre ela e sua *kumbóssa*, um dia se encontraram na cidade e as duas brigaram e foram parar no comando da polícia. Arlinda relatou da seguinte forma como começou sua briga com uma das suas *kumbóssas*:

O meu era “txaskiado”³², eu e ela também [*kumbóssa*]. Alguém já tinha me contado que ela disse que ia me dar “pancada”, então, um dia encontramos na cidade ela [*kumbóssa* da Arlinda], me viu e voltou também e encontramos no meio da estrada, então ela pisou na ponta do meu chinelo, eu perguntei porque que pisaste no meu chinelo? ela respondeu: não te vi, eu disse: “estou tão pequena assim que não dá pra me ver?” ela de novo respondeu: “não te vi”, eu disse: “se não me viste então faço-te ver-me agora”.

[...] as pessoas que estavam perto não nos deixaram brigar no momento porque eu era magra e ela muito gorda, daí que pensaram que ela ia me “sotar”³³. [...] logo que as pessoas afastaram “nu pila guerra”³⁴. (Arlinda, 42 anos)

O quotidiano das mulheres *kumbóssas* é marcado pelas disputas de várias ordens, intrigas e discussões que constituem uma constante e o enfrentamento entre mulheres *kumbóssas* é apenas uma das formas de disputa pela melhor posição na relação, para tirar outra *kumbóssa* do relacionamento ou mesmo para impor respeito à *kumbóssa*. Foi por causa da *falta de respeito* da parte da *kumbóssa* da Nelita e discussão que elas acabaram por brigar e que, segundo Nelita, quase resultou em morte.

Chamei-a e ela veio, eu disse: “tu não queres que eu não sorria com a minha própria boca que Deus me deu?” Ela

³² Significa valente, explosiva, revoltada.

³³ Ganhar a briga.

³⁴ Brigamos.

respondeu que eu não precisava sorrir porque ela é mais *fixe* do que eu, que ela é *sexy*, e eu era gooooooooooorda! Então eu disse: “tu és mais *fixe* do que eu?” Ela respondeu: “claro!”. Então eu dei “plauuuu” [bofetada] – [fez sinal na minha cara, e barulho com as mãos]. Nelson continuou o seu trabalho de pintura e nem ligou. [...] As pessoas se aproximaram e nos separaram e fomos para casa”. (Nelita, 28 anos)

Nelita brigou de novo com a sua *kumbóssa*, desta vez por outro motivo, sua *kumbóssa* a acusou de trair Nelson, pai dos seus filhos. Dois meses depois da acusação elas se encontraram no comando da polícia e mesmo estando na polícia, Nelita não deixou passar em branco a acusação da sua *kumbóssa* e pediu satisfação, e novamente acabou em briga.

Corri atrás dela pra ela me dar prova de que coloco corno em Nelson [...]. Um dia estava no comando para fazer passaporte e a vi passar, falei com ela baixinho pra ninguém ouvir, porque já tinha passado dois meses que ela me acusou de colocar corno ao Nelson. Então disse-lhe: “Soraia [nome da *kumbóssa*], preciso falar contigo agora, é melhor sairmos na rua”, ela respondeu: “agora não tenho tempo”. Ela tinha uma bolsa debaixo do braço, porque se finge de “chique”. Eu disse: “esqueceu da acusação que fizeste? Quero que proves agora.” Ela respondeu: “desde aquele dia que brigamos agora não importa”. Então arrestei-a para trás do comando de polícia [...]. (Nelita, 28 anos)

A valentia aqui demonstrada por Nelita mostra como as brigas entre *kumbóssas* são reais. Nelita é conhecida pelos amigos mais próximos como sendo uma mulher valente, no entanto a sua valentia não foi suficiente para que Nelson seu companheiro não arranjasse mais mulheres ou terminasse a relação com as outras mães de filhos pois, segundo o ponto de vista de algumas das mulheres em estudo, o ideal seria que o homem não arranjasse mais de uma mulher, *mas diante da natureza que dá ao homem força para manter vários relacionamentos, muitas vezes uma só mulher não consegue satisfazer as necessidades do homem*. Perante esta situação, torna-se aceitável que este tenha mais de um relacionamento em simultâneo, e é por

esta razão que o enfrentamento acontece entre as mulheres e não entre o homem e sua mulher ou suas mulheres. Enfrentando o homem, a mulher coloca em risco a possibilidade de manter a sua posição no relacionamento ou mesmo perder de vez o companheiro pela *kumbóssa*.

É nesta lógica que Nelita não mede esforço para brigar com sua *kumbóssa*, mesmo depois de passar três horas seguidas na cadeia e de pagar uma multa de sessenta mil escudos para não ficar oito meses na cadeia. Ela tornou a brigar com a sua *kumbóssa* e esta briga quase resultou em morte, não fosse a intervenção do irmão de Nelita.

Depois de narrar sua valentia, Nelita afirmou que com ela é assim: “*Ami omi algum, mudjer nenhum*”³⁵. Isso significa que sua valentia é além do comum, pois tendo em consideração que socialmente se espera que o homem tenha maior força física, no caso da Nelita, ela desafia os próprios homens e assim as mulheres não tem chances nenhuma com ela.

Sobre este aspecto, Fonseca (2000) fez referência à “mulher valente” no seu estudo na Vila São João, bairro de camadas populares de Porto Alegre, e destacando o modo como reagem às situações de infidelidade conjugal do marido. Neste sentido, Paim (1998, p.117) fala de diferentes formas de reacção quando uma mulher descobre que seu marido tem outra mulher, segundo a autora, nalguns casos, saber que o homem tem outras mulheres não leva a separação entre o casal desde que não extrapole algumas condições, essa lógica vai ao encontro da realidade cabo-verdiana, pois raramente a existência de uma segunda ou terceira mulher na relação determina o término da relação anterior. Tendo em conta que um dos objectivos da mulher é manter a relação estável e a exclusividade do companheiro, o ataque vai para a adversária, isto é, a sua *kumbóssa* e não para o companheiro, e é neste sentido que surge a necessidade da mulher demonstrar a sua valentia.

³⁵ “ Comigo é assim: homem algum, mulher nenhuma”.

Esse facto permite entender o porquê de Nelita narrar as brigas com suas *kumbóssas* quase como em cena de filme, destacando sua valentia por brigar em lugares como na igreja e mesmo aos olhos da polícia.

Um outro aspecto a destacar em relação às mulheres *kumbóssas* é que enquanto *kumbóssas* não se fala da “mulher traída”, diferente do contexto brasileiro que, segundo Goldenberg (1990), existe a esposa traída pois a relação entre o marido que trai e a amante é ocultada. Na realidade das *kumbóssas* a relação não é ocultada, ela é pública e nos raros casos em que são ocultados não demora muito a ser descoberto que um homem mantém relação fixa com outra ou outras mulheres. Também não se pode descartar a possibilidade do próprio homem contar para sua mulher que ele tem outras mulheres e impor que esta aceite tal situação.

Neste contexto, podemos argumentar o seguinte: se o homem declara relação com outra mulher e a mulher sabe que seu marido ou companheiro mantém relação com outra mulher, não estamos perante uma traição, levando em consideração o conceito de traição referido por Goldenberg (1990) que diz respeito a engano e ocultação da relação da parte de um dos conjugues.

Neste sentido, Arlinda, que vive com um homem casado, não se sente na obrigação de exigir fidelidade ao seu companheiro actual, pois antes de se relacionar com ele sabia que este era casado. Ele, por sua vez, não escondeu que era casado e nem prometeu deixar a sua esposa oficial para ficar exclusivo para Arlinda. No entanto, a crítica da Arlinda vai no sentido do seu companheiro “não saber administrar bem a relação”, até porque, segundo Arlinda, fidelidade, em Cabo Verde, se espera da mulher e não do homem. Assim ficou exposto que o problema não é arranjar várias mulheres mas sim saber mantê-las.

3.2.2 *Kumbóssas nunca são amigas*

Kumbóssas amigas ?!!! (...) Quando vi eu disse logo: isso não vai durar muito!. (Nanda, 48 anos).

Esse espanto e admiração da Nanda é típico na linguagem quotidiana dos santa-catarinenses, duas *kumbóssas* não poderão em nenhuma circunstância serem amigas, isso não quer dizer que não existem duas *kumbóssas* que se falem ou têm algum tipo de relacionamento, o facto é que essa amizade é posta logo em causa, isto é, considerada falsa.

Conheci Nanda por ocasião da morte de um jovem em Santa Catarina, esse jovem é filho de uma das *kumbóssas* da Nanda. Sabendo desta situação procurei conversar com ela sobre a convivência dela e as outras *kumbóssas* durante esse ocasião, apesar de alguma resistência ela acabou por falar comigo sobre o assunto. Nanda contou que João o companheiro dela e de outras mulheres, já falecido, tinha várias mulheres, primeiro se casou muito cedo, depois de ter os primeiros filhos acabou por terminar a relação com a esposa e a partir de então começou a ter relações com várias mulheres em simultâneo, primeiro foi Dina, depois entrou, Antonina, e só depois Nanda.

Segundo Nanda, quando ela entrou na relação, Dina e Antonina eram amigas e até iam uma à casa da outra, no entanto isso não durou muito porque Antonina, que era a segunda na relação, por ter chegado depois da Dina, “começou a fazer esperteza para ficar sozinha com João”. Dina, quando viu que o seu lugar estava a ser ameaçado, ficou com “ciúmes”, além disso, o João passou a ficar mais tempo na casa de Antonina e a dar mais atenção aos filhos que ele teve com Antonina; a partir de então a amizade acabou e não foram mais uma à casa da outra e nem se cumprimentaram mais.

Para Nanda, esta situação podia ter sido evitada, pois já sabiam que aquela amizade era falsa, pois se as duas lutam pela mesma causa, isto é, para ser mulher única de João, uma delas tinha que ficar menos privilegiada, segundo Nanda, Dina só aceitou ser amiga da sua *kumbóssa* Antonina porque como era

ela quem partilhava o mesmo lar com o João e foi ela que entrou primeiro na relação pensou que o seu lugar da principal já estava garantido, mas quando sentiu que poderia perder o seu posto de principal resolveu não falar mais com Antonina.

Na visão de Nanda, duas *kumbóssas* podem até se cumprimentar, mas ser amigas não. Contou que ela e sua *kumbóssa* Dina nunca foram grandes amigas mas cumprimentam-se sempre com respeito, mas sem grandes intimidades, nenhuma das duas fez esperteza para ficar exclusiva com João, mas ela e Antonina não se falam apesar de conviverem durante a morte do companheiro pois, Antonina ficou com ciúmes porque João dava mais atenção a ela.

Outro caso semelhante é o da Arlinda. No seu primeiro relacionamento teve um momento em que ela e sua *kumbóssa* falavam, mas deixaram de se entender porque, segundo Arlinda, *sempre que ela estava num lugar e me via me mostrava para as pessoas às escondidas, falava mal de mim, mas as escondidas, quando encontrávamos o que ela dizia ela não me mostrava.*

No caso da Joana, o seu marido quase a obrigava a se relacionar com as suas *kumbóssas* só que ela nunca aceitou fazer isso porque sabia que *amizade de kumbóssas é de dente, não de coração, porque chega um momento que as duas vão ter que brigar por algum motivo.* Joana, que é uma mulher casada, é de opinião que as *raparigas* têm sempre intenções de fazer desaforos às *mulheres*, por isso ela, como mulher, não aceita amizade de nenhuma *kumbóssa*, além disso ela afirma que já assistiu vários casos de *kumbóssas* que eram amigas e em nenhuma delas as amizades continuaram.

Joana contou o caso de uma vizinha em que ela e a sua *kumbóssa* eram tão amigas que até dormiam na mesma cama e comiam no mesmo prato, pouco tempo depois brigaram porque uma delas deixou sua *kumbóssa* sair de casa e foi revistar a casa da sua *kumbóssa*, encontrou roupas que o companheiro delas tinha dado para essa *kumbóssa* servir de juíza na festa de Nossa

Senhora da Graça na localidade de Chão de Tanque³⁶, pegou a roupa e rasgou de maneira que nem dava mais para recozer e depois foi embora, quando se aproximou a festa que a dona do vestido foi vestir encontrou cada pedaço no seu canto e ficou sem ir a festa. Quando ficou a saber que foi a sua própria *kumbóssa* quem fez isso tiveram uma grande briga.

Esses relatos nos permitem entender o porquê de a amizade entre *kumbóssas* ser posta em causa, tendo em conta que todas as mulheres mostram interesse em encontrar um homem exclusivo, a amizade, neste caso, é vista apenas como um pretexto para as *kumbóssas* prejudicarem uma à outra ou eliminarem a adversária da relação.

3.3 Linguarados/linguradas

De acordo com o já descrito anteriormente, de que os conflitos entre as *kumbóssas* são habituais e que raramente duas ou mais mulheres que se relacionam com o mesmo homem têm uma relação amigável e mesmo quando essa relação existe é tida como falsa, pois, na linguagem popular, duas *kumbóssas* não poderão ser amigas de verdade em nenhuma circunstância, tendo em vista esta constatação uma questão pertinente fica por responder; se as mulheres não se relacionam, não se falam, como é que descrevem a vida da outra *kumbóssa* com tantos detalhes? Antes de responder esta questão é necessário dizer antes que em Santa Catarina, por ser um concelho relativamente pequeno e tendo em consideração a sua característica rural, onde a ajuda mútua é considerada importante, quase tudo mundo se conhece e não é difícil saber o que acontece no dia a dia de cada pessoa.

No caso das mulheres *kumbóssas*, o conhecimento da outra *kumbóssa* e de sua vida em geral se dá pela facilidade mencionada acima, mas, sobretudo porque existe uma rede de comunicação constituída por pessoas que conhecem ambas as *kumbóssas*. Essas pessoas que estabelecem a rede foram

³⁶ Localidade situada em Santa Catarina de Santiago.

denominadas por Arlinda de *linguarcadas e linguarcados*,. por fazerem um circuito de transmissão de informações e recados entre as *kumbóssas*.

Arlinda vive com um homem casado desde 2007, apesar de conseguir esconder a sua relação com Pedro da sua *kumbóssa*, a mulher oficial de Pedro, por um período considerado longo, descobriu o caso do seu marido. Quando perguntei para Arlinda como é que sua *kumbóssa* ficou a saber da sua relação com o Pedro, ela contou que isso aconteceu por causa das *linguarcadas e linguarcados* que foram relatar tal facto à sua *kumbóssa*. Arlinda desconfia de uma amiga dela que estava de férias em Cabo Verde pouco tempo antes da sua *kumbóssa* saber da sua existência, segundo Arlinda, sua amiga que mora próximo da casa de Pedro e sua mulher oficial na Europa.

Numa outra ocasião, Arlinda me relatou que foi essa sua amiga que lhe contou tudo sobre a vida da sua *kumbóssa* na Europa, inclusive que ela tenta mandar no Pedro, que não sabe se vestir bem, que não vai à casa de outras pessoas por se considerar fina demais e que despreza as coisas de Cabo Verde.

Nesse caso, uma mesma pessoa parece servir de rede de transmissão de informação sobre ambas as *kumbóssas*. Para além dessa amiga, Arlinda parece ter mais pessoas que lhe informam com detalhes tudo o que se passa no dia a dia da sua *kumbóssa* e Pedro, pois um dia enquanto conversávamos ela me confidenciou que ficou a saber que sua *kumbóssa* substituiu todas as mobílias de casa para outras mais novas e colocou os velhos no lixo, também ela sabe que sua *kumbóssa* não trabalha, fica o tempo todo em casa a limpar porque, segundo Arlinda, ela quer ser *gente branca*³⁷.

Este facto vai ao encontro dos relatados por Lobo (2012), que mencionou no seu estudo na Boa Vista a existência de uma rede de informações que opera entre Itália e Boa Vista, em que as mulheres que emigram e deixam para trás seus companheiros recebem com frequência notícias a respeito dos “movimentos” de seus homens e da Itália enviam recados e ameaças às suas

³⁷ “Gente branca”, no interior de Santiago, o termo utilizado para se referir a “pessoas ricas”.

rivais. Esse diálogo à distância, segundo Lobo (2012), é comum e socialmente esperado.

Neste sentido, Nelita, apesar de ficar a saber pelo próprio companheiro que ela tem uma *kumbóssa*, ela sempre seguiu de perto tudo que sua *kumbóssa* fazia e tudo o que falava sobre ela. Nelita afirmou que sua *kumbóssa* traiu o companheiro de ambas, esse facto ela contou que soube através de uma amiga que era namorada do rapaz com quem sua *kumbóssa* traiu Nelson, companheiro de ambas. A troca de informações vem de ambos os lados e as amigas e conhecidos constituem um verdadeiro canal de transmissão de informações e recados.

A fofoca, na visão de Fonseca (2000), parece encaixar bem na realidade das *kumbóssas* aqui aludidas, embora aqui exista alguma particularidade. No contexto que a autora refere sobre fofoca, esta serve para informar sobre a reputação dos moradores de um local, consolidando ou prejudicando sua imagem pública perante os vizinhos. Entre as *kumbóssas*, a intenção é de prejudicar a imagem pública da sua adversária, mas essencialmente lesar sua rival perante o homem que dividem.

No caso em que Nelita afirma que sua *kumbóssa* traiu o companheiro de ambas, ela prejudicou a imagem pública da sua adversária, pois uma mulher que trai um homem tem como consequência a marginalização social devido a práticas culturais que criam desigualdades entre homens e mulheres e, neste caso particular da liberdade sexual, a mulher fica prejudicada. Por outro lado, o companheiro de ambas pode deixar a mulher que o traiu, isso porque o homem ao saber que foi traído fica obrigado a tomar alguma iniciativa, se não fica mal visto perante a sociedade.

Para além das pessoas reconhecidas como amigas e que muitas vezes passam recados entre as *kumbóssas*, existem os vizinhos que também são denominados de *linguarcadas*, mas não pela transmissão de recados mas principalmente por causa dos comentários que estes fazem diariamente sobre

tudo que passa na vida social e sobre o comportamento das mulheres *kumbóssas*.

No decorrer da minha pesquisa o incómodo da Arlinda era perceptível no que diz respeito aos comentários dos vizinhos. Quando ela ficou sabendo que sua *kumbóssa* viria de férias juntamente com o companheiro de ambas, a preocupação aumentou ainda mais, pois naquela localidade todos conheciam a sua situação de “rapariga” e os comentários seriam então uma certeza.

Seguindo na mesma lógica, Joana criticou bastante seus vizinhos por estes saírem por ai a fazer comentários de que ela não sabia tratar bem o seu marido e que ela era *ka bali*³⁸, essa prática é suficiente para chamar alguns dos vizinhos de *linguados*.

Essa rede de passagem de informações demonstra que a situação de ser e de ter *kumbóssas* é um assunto que faz parte da vida corrente, sendo mais um aspecto que evidencia a presença desta forma de conjugalidade no interior de Santiago.

³⁸ Pessoa má, ou que não se dá bem com outras pessoas.

Considerações Finais

Após um longo percurso através dos vários autores e autoras em que fui buscar as ideias para tecer a construção teórica dessa pesquisa, o trabalho aqui apresentado é também e, sobretudo, o resultado de um longo período de pesquisa no campo em que através das observações, conversações, depoimentos, histórias de vida das mulheres que vivenciam a situação de serem e terem *kumbóssas* em Santa Catarina de Santiago possibilitou conhecer e compreender as percepções destas mulheres sobre relação conjugal, género e família.

Durante a pesquisa, procurei conhecer o dia a dia das mulheres *kumbóssas* e como é a relação entre elas, o elo e/ou tensões entre elas, mas, principalmente, analisar o ponto de vista dessas mulheres sobre as suas situações enquanto *kumbóssas*.

Através do observado e dos depoimentos recolhidos durante o período em campo, posso dizer que neste tipo de organização familiar constituído por um homem com várias mulheres, os valores de família e de género não estavam tão distantes dos encontrados por autores (as) que estudaram dinâmicas familiares em Cabo Verde: a ideia da *família desestruturada*, a presença do modelo nuclear como um ideal, a família extensa com várias gerações convivendo no mesmo lar, o papel diferenciado entre homens e mulheres na família e na relação conjugal, relações conjugais conturbadas, homens com múltiplos relacionamentos simultâneos, mulheres em luta por uma relação estável e pelo sustento familiar.

Essas práticas familiares constatadas ao longo desse trabalho encontram-se fortemente enraizadas na sociedade cabo-verdiana, com particularidade no concelho de Santa Catarina de Santiago, onde essa pesquisa foi desenvolvida, e confirmam a multiplicidade das formas das organizações familiares existentes em Cabo Verde já proferida por Lopes Filho (1996), refutando a hipótese de se falar de um modelo padrão. Assim, o modelo da família nuclear europeu

implantado pelas políticas públicas e presente nos depoimentos recolhidos nesta pesquisa constitui apenas uma idealização e não uma prática (LOBO, 2012; MARTINS e FORTES, 2011).

No que se refere ao argumento do predomínio da família patriarcal em Cabo Verde, marcada pela autoridade masculina em que o homem é responsável pelo sustento financeiro do lar e comanda os destinos das mulheres e dos filhos, e que a mulher desempenha apenas os papéis relacionados com as tarefas domésticas e os cuidados dos filhos, este estudo está em sintonia com as pesquisas contemporâneas que propõem uma flexibilização em torno da autoridade patriarcal, assim como sobre o lugar dos homens no sustento familiar (RODRIGUES, 2007). Neste estudo, a autoridade masculina, embora exista, e em algumas situações relatadas ao longo desse trabalho é claramente perceptível, ela não é total e absoluta sendo flexibilizada na medida em que as mulheres mostraram ser as maiores provedoras dos lares, contribuindo fortemente para o sustento financeiro da casa e todas outras despesas que dizem respeito à família em geral, e possuem certa autonomia para decidirem em determinadas situações.

Neste sentido, pode-se dizer que nessa prática familiar o patriarcado é parcialmente frágil à semelhança do que referiu (RODRIGUES, 2007) porque o homem em nenhum dos casos analisados é o provedor único do lar e nem controla totalmente o destino da mulher, assim, afirmo que a autoridade encontrada nessa prática familiar ela é uma autoridade negociada entre os sujeitos em questão, isto é, entre os conjugues.

A autoridade masculina, entretanto, foi mais perceptível na tentativa do controlo do corpo da mulher e no uso da violência física e psicológica contra elas, isso quando a mulher apresenta forte resistência à autoridade masculina.

Uma das questões importantes que também observei e procurei analisar perante esse trabalho é a possível existência de uma poligamia informal em Cabo Verde, conforme o observado a prática da poligamia é uma realidade que se estende para além do informal. Embora oficialmente um homem não pode

se casar com duas mulheres ou mais simultaneamente, no quotidiano um número significativo de homens mantém relação fixa com mais de uma mulher ao mesmo tempo. Essa prática é reconhecida pela sociedade e pelas autoridades, existem nomes designados às mulheres conforme a posição que ocupam na relação (“mulher” e “rapariga”) e regras orientadoras que determinam os direitos e privilégios, mas também deveres e obrigações de cada sujeito na relação. Neste caso, tanto o homem como as mulheres têm direitos e privilégios assim como deveres e obrigações a desempenharem dentro da relação. Cabe aos homens, como vimos, usar da autoridade masculina para impor “respeito” entre as *kumbóssas* e fazer com que cada uma das mulheres “fique no seu lugar”.

Por outro lado, se analisarmos a conjugalidade em Cabo Verde em termos legais, encontraremos um número reduzido de casamentos formais, enquanto as uniões informais fazem parte do quotidiano da maioria dos homens e mulheres em Cabo Verde. Essa realidade é mais um motivo que me leva a afirmar que a poligamia encontrada em Santa Catarina vai para além do informal, ela é formal e com características próprias, na medida em que é reconhecida e aceite socialmente.

As conjugalidades, nestas práticas, encontram-se providas de regras que, embora não oficializadas, funcionam e determinam a posição de cada *kumbóssa* na relação e o comportamento desta em várias situações do quotidiano, sobretudo perante a morte de um conhecido de ambas as *kumbóssas*. A convivência das *kumbóssas* perante a morte de um conhecido ou familiar constitui um dos momentos oportunos de ligação entre elas e os filhos destas, entretanto, a maior tensão entre elas verifica-se no “desrespeito” da posição que a adversária ocupa na relação, nas trocas de acusações e na “má administração da relação” por parte dos homens.

Ainda no mesmo contexto, a conjugalidade é vista de forma negativa pelas mulheres que vivenciam a situação de serem e terem *kumbóssas*, principalmente as mulheres casadas que apontaram que sobre elas recaem maiores responsabilidades familiares e maior controlo social. Entretanto, tanto

os depoimentos das mulheres casadas, reconhecidas como “mulheres”, quanto aquelas que vivem em união de facto, neste caso refiro-me às “raparigas”, são semelhantes no que diz respeito aos valores familiares e de género, ambas empenham em manter uma relação estável, dedicam-se às actividades domésticas e à maternidade e partilham dos mesmos valores quanto aos atributos de género esperado para os homens e as mulheres na vida conjugal e na família e mencionam a importância da família nas suas vidas.

No entanto, confere a seguinte contradição: se por um lado há uma valorização da virilidade masculina, compreendida pela capacidade de ter e manter várias mulheres ao mesmo tempo, por outro lado, as mulheres se empenham em manter uma relação como exclusiva, ou seja, monogâmica. Esta contradição é a principal responsável pelas tensões nas relações conjugais, quando ela envolve um homem com várias mulheres, e nas relações entre as *kumbóssas* que concorrem pela melhor posição na relação e o reconhecimento social positivo.

Por fim, este trabalho procurou trazer contribuições para a temática das relações familiares cabo-verdianas, especificamente quanto a noção de poligamia, enfatizando a perspectiva de mulheres que vivenciam esta situação.

Referências Bibliográficas

ANJOS, José Carlos Gomes dos. **Sexualidade juvenil de classes populares em Cabo Verde: os caminhos para a prostituição de jovens urbanas pobres.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n.1, p. 163-177, jan abril, 2005.

_____. **Da Revolta de Ribeirão Manuel ao Devir-Mulher de um povo.** in: FORTES, Celeste, SILVA, Carmelita (org.). As mulheres em Cabo Verde: Experiência e Perspectivas. Praia: Universidade de Cabo Verde, 2011.

AUGÉ, Marc . **Os Domínios do Parentesco. Filiação, aliança matrimonial, residência.** Lisboa: Ed. 70. 1975.

CABRAL, Iva. **A representação das mulheres casadas e viúvas da ilha de Santiago Cabo Verde nos documentos dos séculos XVI-XVIII (um estudo prosopógrafo).** in: FORTES, Celeste, SILVA, Carmelita (org.). As Mulheres em Cabo Verde: Experiências e Perspectiva. Praia: Universidade de Cabo Verde, 2011.

CARREIRA, António. **Cabo Verde: Aspectos Sociais. Secas e fomes do século XX,** Lisboa: Ulmeiro, 1984.

_____. **Migrações Nas Ilhas de Cabo Verde,** Lisboa: Universidade de Nova Lisboa, Quinta do Cabeço Olivais, 1977.

CORREIA, Maria .**Txoro falado e txoro cantado: Representações sociais da morte no espaço rural de Achada Falcão.** in: Ensaios etnográficos na ilha de Santiago de Cabo Verde: Processos edentarios na contemporaniedade, Praia: Edições Unicv, UFRGS, 2009.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social** Petrópoles: Editora Vozes Lda, 1981.

DIAS, Juliana Braz. **Projectos Migratórios e Relações Familiares em Cabo Verde**. Revista Indisciplinar da Mobilidade Humana, Ano XIV 26 e 27, 2006.

FINAN, T. & HENDERSON, H. **The logic's Cape Verdean female headed households: social response to economic scarcity**, Urban Anthropology, 17:87-103. 1988.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2000.

_____. **Da Circulação de Criança à adoção internacional: questões de pertencimento e posse**. Caderno PAGU (26), 2006.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOLDEMAN, Márcio. **Como Funciona a Democracia: uma Teoria Etnográfica da Política**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

GOLDEMBERG, Mirian. **A outra: um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem casado**, RJ: Revan, 1990.

GOLDEMBERG, Mirian. **Ser homem, ser mulher: dentro e fora do casamento**, RJ: Revan, 1991.

GOMES, Crispina. **Mulher e Poder o caso de Cabo Verde**. Praia: IBNL, 2011.

GRASSI, MARZIA. **Rabidantes, Comércio Espontâneo Transnacional em Cabo Verde**, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, Praia: Spleen: 2003.

GROSSI, Miriam Pillar. **Masculinidades: Uma Revisão Teórica**, Revista Antropologia em primeira mão/programa de Pós-graduação em antropologia Social, UFSC nº1, Florianópolis: 1995.

História geral de Cabo Verde. vol. I e II, Centro de estudos de História e Cartografia Antiga, IICP e DGPC de Cabo Verde, Lisboa/Praia: 1991.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **III Recenseamento Geral da População e Habitação do ano 2010**, Praia: 2011.

IZUMINO, Wânia Pasinato. Delegacias de Defesa da Mulher e Juizados Especiais Criminais: mulheres, violência e acesso à justiça. **XXVIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais . ANPOCS**. Caxambu, Minas Gerais, 26 a 28 de outubro de 2004.

LAPLANTINE, François. **Aprender a Antropologia**. Tradução de Marie-Agnès Chauval, 3ª Edição. S. Paulo: Editora brasiliense, 1987.

LOBO, Andréa. **Tão Longe, Tão Perto famílias e “movimentos” na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde**. Praia: Universidade de Cabo Verde, 2012.

_____. **“Um filho para duas mães? Notas sobre a maternidade em Cabo Verde”**. *Revista de Antropologia*, 53: 117-146, 2010.

LOPES FILHO, João. **Retalhos do cotidiano**. Lisboa: editora caminhos, 1995.

_____, João. **Ilha de São Nicolau, Cabo Verde: Formação da sociedade e mudança cultural**, II volume. Lisboa: Secretaria-geral do Ministério de Educação, 1996.

MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor: Inglaterra: 1.300-1.1840**, SP: Companhia das Letras, 1990.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia**, 2ªEd. São Paulo: 1978.

MARTINS, Filipe; FORTES, Celeste. **Para além da crise. Jovens, mulheres e relações familiares em Cabo Verde**. Barcelona: *(Con)textos* (2011) 2:13-29.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dadiva. Forma e a razão da troca nas sociedades Arcaicas**. in: *Sociologia e Antropologia* ,VII,São Paulo: Edusp,1974

MENDES, Arlindo. **O fenómeno da morte: ritual em Santiago**. Trabalho científico para obtenção de licenciatura, Instituto Superior de Educação, 2001.

_____ **A atitude santiagoense perante a morte: rituais fúnebres**. Dissertação de Mestrado em estudos Africanos, Faculdade de Letras da Universidade de Porto, 2003.

PAIM, Heloísa. **Vivendo Como Amante De Um Homem Casado: entre a legitimidade e a ilegitimidade das uniões extraconjugais**.1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Rio Grande de Sul. Porto Alegre: 1998.

PISCITELLI, Adriana **Re-criando a categoria mulher?** In: Leila Algranti (org.) "A prática feminista e o conceito de gênero". *Textos Didáticos*, nº 48. Campinas: IFCH-Unicamp, 2002.

PLANO DIRECTOR MUNICIPAL DE SANTA CATARINA DE SANTIAGO,Relatoria Justificativo: Modelo Territorial-proposta de ordenamento e regulamento, anteprojecto 3º versão, 2011.

RODRIGUES, Isabel Fêo. **As mães e os seus filhos dentro da plasticidade parental: reconsiderando o patriarcado na teoria e na prática**. In GRASSI,

Marzia, ÉVORA, Iolanda (orgs.). *Género e migrações cabo-verdianas*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2007.

ROSALDO, Michelle Z. **O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural**. *Revista Horizontes Antropológicos – Gênero*, PPGAS/UFRGS, Porto Alegre: v. 1, n. 1, p. 11-36, 1995.

SALÚSTIO, Dina. **Violência contra as mulheres**, Instituto de Condição Feminina, Praia: 1999.

SCOTT, Joan. **Uma categoria útil de análise histórica**, Editorial Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995

SILVA, Tatiana Raquel R. **Relções de género em África: as rabidantes e o comércio informal em Cabo Verde**. VII congresso Ibérico dos estudos Africanos, Lisboa: 2010.

SILVA, Carmelita Afonseca. **Relações de Poder e violência contra as mulheres na intimidade: Análise apartir da percepção das vitimas**. XI congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador: 2011 .

VEIGA, Ulisses Da. **Conciliação entre a vida profissional e familiar em Cabo Verde. O papel do Estado e das famílias**. ISCTE-IUL, Dissertação de mestrado em sociologia apresentada ao ISCTE-IUL, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **O nativo relativo**. *Mana*. v. 8, no. 1, abril de 2002.